



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



**EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS NA LÍNGUA FALADA PELO POVO
MUNDURUKU DE MATO GROSSO**

Marcelo Manhuari Munduruku

BARRA DO BUGRES – MT

2022

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. *Empréstimos linguísticos na língua falada pelo povo Munduruku de Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Universidade do Estado de Mato Grosso: Barra do Bugres, 2022, 63p.

**EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA FALADA PELO POVO
MUNDURUKU DE MATO GROSSO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Luzia A. Oliva

BARRA DO BUGRES – MT

2022

M965e	MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. Empréstimos Linguísticos na Língua Falada pelo Povo Munduruku de Mato Grosso / Marcelo Manhuari Munduruku – Barra do Bugres, 2022. 63 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022. Orientador: Luzia Aparecida Oliva 1. Empréstimos Linguísticos. 2. Língua Munduruku. 3. Língua Portuguesa. I. Marcelo Manhuari Munduruku. II. Empréstimos Linguísticos na Língua Falada pelo Povo Munduruku de Mato Grosso: . CDU 81'2
-------	--

MARCELO MANHUARI MUNDURUKU

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de pós-graduação em Ensino em contexto indígena intercultural, da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva – UNEMAT Sinop
Orientadora



Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda - UFMT
Avaliador externo



Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz – UNEMAT Tangará da Serra
Avaliador interno

BARRA DO BUGRES – MT

2022

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada a meus pais, pilares da minha formação como ser humano. Agradeço pelo apoio em minhas bases de formação em todos os momentos difíceis da minha trajetória. Este trabalho é dedicado a eles, meus maiores e melhores orientadores na vida.

Dedico a toda a minha família, esposa e filhos. À minha avó por sua preocupação, carinho e incentivo. À minha avó Generosa Manhuari, que protagonizou minha entrada na Universidade com a comunidade Munduruku de Juara/MT.

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta em meu processo de formação acadêmica, amigos, parentes e a todo corpo docente da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Karusakaybu, pelo dom da vida;

A todos os meus familiares, em especial, ao meu pai Felipe Panhum, senhor de todos os princípios que carrego comigo;

A todas as mulheres de meu círculo familiar, embora tivesse uma mãe biológica, quando criança fui cuidado por muitas mulheres: tias, primas, avós;

Aos tios que, em parceria com meu pai, contribuíram para minha formação até me tornar adulto;

Em especial a minha família, querida esposa Maria Valdenize Sau Munduruku, uma mulher incrível, que sempre esteve do meu lado, cuidando de mim em minha enfermidade. Obrigado pelo presente de cada dia, pelo seu sorriso, por saber me fazer feliz e por mudar minha vida para melhor;

A minha estimada filha Marcelle Sau Manhuari, que me trouxe esperança, motivação com o seu crescimento e vitalidade;

A meu enteado Wender Dalison Sau, que, com sua mãe, tem me mostrado a pureza de coração;

À comunidade Munduruku de Juara - Mato Grosso - Aldeia Nova Munduruku, que me oportunizou passar por este processo de formação acadêmica, tanto na graduação quanto na pós-graduação, em especial, minha avó Generosa Manhuari, um dos principais motivos de ter vindo para Mato Grosso, que contribuiu muito para minha formação e outras que poderão vir, pelos laços de amizade construídos neste processo;

Estendo meu agradecimento aos professores que contribuíram com as aulas e, em especial, à Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva – UNEMAT/Sinop, que foi minha orientadora, mesmo a distância em virtude de nossa realidade de pandemia;

À Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz – UNEMAT, Tangará da Serra-MT, que desde a graduação está fazendo parte de minha vida acadêmica;

Ao Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda – UFMT, pela participação em minha banca, por abrir minha mente para um olhar mais aprofundado do tema da pesquisa;

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, os meus sinceros agradecimentos.

**“A língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela
própria constrói em seu curso. Nada é estático.”**

Nelly Carvalho

Kawên muñap:

Emukudada eñubapuk ejojo apen paxi cucum imu'ômãm pariwat a'ôm, Mõnjouroko a'ôm, aõoka ika iisuat ka mõjouroko be badi, município de Juara/MT, imuwênap apen cucum hitorico de contato wuye povo, ibararak ûmãn, imubararağ ajo ojewedobat iat sociolinguística até ijop em. imubapukam tak takoy e imubararakam koap em ikukam imubacanãm, wybabi imoğam e imuğe am wyujuyũ be, imempit, ibabpuk ibararağ kaoap em acat pe am wuybabi mubacan am, imuğe am wuyjuyũyũ be e instituição be. Pesquisa parak tağ, autoyũ e autorayũ ojewağũy pesquisa muğe am,teyũ ku, Leopold (2016),otojot apem osodop koam monjourokoyũ iap; Monjouroko (2017), ajo wuywebe acã ikuk put iap imempuye wuyjo acã wuyetaibit Monjourokoyũm apuju wuybikuy pariwat ã òm ibima; Carvalho (1989), ajo oyoboğ ikuruğ ajat pariwat a òm iat; Comodo (1981), ajo otojot ibararakan contexto linguístico Monjouroko década de 1967. Imem ġuto, kaderno SECAD/MEC (2007) e Baniwa (2013), icem at política e educacional oğũ bacan wuyjuyũyũ a'ò escora'ayũ dağ; RCNEI (1998) e E.E. Kixi Barompô (2018), apem Plano Político Pedagógico iam; Martines (2007), imem jewağuy Línguas Indígenas iam; Mesquita (2009), ajo ojewemukap processos de assimilação wuyjuyũyũ be Xepxep ha'ôm bilíngues e o IBGE (2010), icem at ojewemubapuk wuyjyũyũ indígenas ijop e país pe iap. grosario ojewemuğe kawen ojewebu iat tağ ibòmuk e ibutet Monjouroko a'ôm pariwat a'ò dağ ma jededem ibutet iat, ajo icem jewekukuğ Monjouroko a'ôm imutaybinam tak. Imubararağ ajo ojwebu iat putet tubuxikam bibliografia be, referente ao tema, wuye hitorico, documento e arquivo iat pu am, koam aõoka iisuat ka watwat ojewa'ĩjo wuymutaybinbin ukayũ, etaybinbinayũ e lideransayũ. Pariwat a'ò dağat ojewedojot Monjouroko a'ò, jekuyjo am apem ajem ite kay ikuruğat kay iam. Apem produto pedagógico ojewemuğe poce ikukam iam apem kapikam muğe ap wuymutaybinbin ukuyũ e etaybinbinayũ be dak. Ibaore at ojewemudek pesquisa muğeğem pima imempit wajem yabi kay jewemoğ escola estadual Kixi Barompô a be e instituto Munduruku dak wuybabi mubacan e Monjouroko a'ò mubapukpuğ icem jewekukuğ Monjouroko a'ò iam jekuyjo am .

PALAVRAS-CHAVE: ikuruğat a'ò; Monjouroko a'ò; pariwat a'ò.

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar o processo de empréstimos de palavras da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku, na Aldeia Nova Munduruku, no município de Juara/MT, com abordagem do processo histórico de contato de nosso povo, o contexto de ocupação do território, a trajetória sociolinguística até o momento. Busca, também, identificar e descrever iniciativas de fortalecimento das práticas culturais e sua implementação realizada por pessoas e instituições. Entre as fontes de pesquisa, estão autores e autoras que dialogaram com a pesquisa, tais como: Leopold (2016), que traz o processo histórico do contato do povo Munduruku; Munduruku (2017), que especifica as imposições ao povo Munduruku enquanto aceite da Língua Portuguesa; Carvalho (1989), que desenvolve o conceito de empréstimos e suas vertentes; Comodo (1981), que traz o contexto linguístico do Povo Munduruku na década de 1967. Há, também, o Caderno SECAD/MEC (2007) e Baniwa (2013), com o contexto da realidade política e educacional para o fortalecimento das Línguas Indígenas nas escolas; RCNEI (1998) e E.E. Kixi Barompô (2018), com o Plano Político Pedagógico; Martines (2007), que reflete as modulações das Línguas Indígenas; Mesquita (2009), que aborda os processos de assimilação das pessoas que são bilíngues e o IBGE (2010), que mostra a realidade das populações indígenas do país. Diante das informações coletadas, proponho a produção de um Glossário Ilustrado com palavras usadas na Língua Munduruku provenientes de palavras da Língua Portuguesa. Esse Glossário é o produto pedagógico resultante da pesquisa desenvolvida e poderá ser utilizado para a alfabetização na Língua Munduruku. Para o levantamento e a coleta de dados, foi realizada pesquisa bibliográfica referente ao tema, com busca em documentos e arquivos da história de nosso povo, além de entrevistas com professores, alunos e lideranças da aldeia, pessoas que participaram do processo histórico de criação da Nova Munduruku. Os resultados trazem as comparações da estrutura da Língua Portuguesa e da Língua Munduruku falada, para se chegar a um entendimento plausível acerca do funcionamento desses empréstimos. A pesquisa revelou os desafios enfrentados e também as conquistas efetivadas com a implementação da Escola Estadual Indígena Kixi Barompô e Instituto Munduruku para o fortalecimento da cultura, a retomada da Língua Munduruku e o reconhecimento das diversas formas de se entender a realidade do uso da Língua Munduruku.

PALAVRAS-CHAVE: Empréstimos linguísticos; Língua Munduruku; Língua Portuguesa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Alunos na Escola Estadual Indígena Krixi Barompô	19
Figura 2	Censo na Aldeia Nova Munduruku	20
Figura 3	Aldeia Nova Munduruku	21
Figura 4	Escola Estadual Indígena Krixi Barompô	23
Figura 5	Grupo Munduruku Wuyjuÿu	24
Figura 6	Grupo Munduruku Wuyjuÿu	25
Figura 7	Professores Munduruku do Pará	26
Figura 8	Terra Indígena Apiaká/Kayabi	36
Figura 9	Terra Indígena Munduruku do Estado do Pará	38
Figura 10	Alunos nas atividades de empréstimos linguísticos	48

SUMÁRIO

1	Introdução	12
2	Relato de Pesquisa	15
2.1	Situação sociolinguística e educação escolar na Aldeia Nova Munduruku	20
2.2	Fortalecimento das práticas linguísticas e culturais do povo Munduruku em Mato Grosso	23
2.3	Perspectivas e desafios para a educação escolar na Aldeia Nova Munduruku	25
3	O povo Munduruku em Mato Grosso: migração e contato	32
3.1	Terra Indígena Apiaká/Kayabi	36
4	Empréstimos Linguísticos e Educação Indígena	39
4.1	Empréstimos na Língua Munduruku de Mato Grosso	43
4.2	Análise dos empréstimos	48
5	Considerações finais	61
	Referências	63

1 Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa a respeito dos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku, na aldeia Nova Munduruku, no município de Juara, Estado de Mato Grosso. Essa iniciativa eleva-se da política interna de fortalecimento da Língua Materna Munduruku e da necessidade de produção de material específico para a comunidade escolar, assim como para a aldeia.

Para atender à exigência de um produto final, confeccionei um Glossário Ilustrado para indicar as palavras mais usadas no cotidiano da aldeia Nova Munduruku, o que facilitará o ensino da Língua na Escola Estadual Indígena Kixi Barompô nas turmas iniciais da Educação Básica de nossa escola.

O texto apresentado aqui está vinculado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino em Contexto Intercultural, ligado à FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Barra do Bugres – MT.

A ideia de desenvolver um material que pudesse atender a demanda de nossa escola partiu de conversas em reuniões pedagógicas entre nós, professores(as), nas situações em que era apresentada nos debates de formação continuada. A percepção de que a escola indígena precisa ser específica e diferenciada despertou para a necessidade de ter material que atendesse tal demanda. Agora, tive a oportunidade de transformá-la em realidade por meio das informações coletadas no local, de maneira que assegurasse a qualidade da produção.

Para fins didáticos, o presente texto está organizado em três partes, além da Introdução e Conclusão: na primeira, consta “O relato de pesquisa” em que apresento a necessidade de produção de material para o ensino e aprendizado dos alunos dos anos iniciais e os projetos ligados ao tema, desde os primeiros contatos do povo Munduruku com a sociedade não indígena; os programas de formação de professores indígenas e o passo a passo do processo da pesquisa.

Além disso, discuto a “Situação sociolinguística e educação escolar na aldeia Nova Munduruku” a partir de informações do censo do posto de saúde, das observações dos falantes passivos, ativos e os que não falam e nem entendem. Narro o histórico do início da educação, dos primeiros professores e da forma de lecionar da aldeia Nova Munduruku.

Ainda na mesma parte, há o tema do “Fortalecimento das práticas linguísticas” em que faço o relato das iniciativas tomadas pela escola e o Instituto Munduruku para o fortalecimento linguístico e cultural da aldeia, os projetos realizados com essa finalidade, assim como os intercâmbios culturais entre o povo Munduruku do Estado do Pará e Mato Grosso.

Outro aspecto presente nessa parte é a “Perspectiva e desafios da educação escolar na aldeia Nova Munduruku” em que apresento o que espero com este trabalho, assim como os relatos dos entrevistados que trazem um diagnóstico preocupante em relação à maneira como os jovens entendem a importância da Língua Munduruku e as políticas públicas que ajudaram a educação escolar indígena, as quais precisam ser aprimoradas para que a educação específica diferenciada seja uma realidade prática também nas secretarias que atendem as escolas indígenas no Estado.

A segunda parte do texto aponta para “O povo Munduruku em Mato Grosso, Migração e contato”, um relato da realidade em que se encontrava a região do Vale do Arinos, em Juara, Mato Grosso, no momento em que o primeiro Munduruku chegou ao território até o momento presente. Também faço a identificação da localidade de onde cada pessoa migrou da terra indígena Munduruku, no Estado do Pará, assim como a convivência dos Munduruku do Pará e Mato Grosso.

No aspecto dos “Empréstimos linguísticos” faço uma contextualização geral da realidade linguística indígena em nosso país, de alguns contextos linguísticos, o conceito de empréstimo e as realidades do uso da língua pela população Munduruku no passado e na atualidade.

No item “Empréstimos linguísticos na língua Munduruku de Mato Grosso” apresento o intercâmbio com os Kayabi, com a criação de laços familiares e o processo de uso da Língua Portuguesa na aldeia Nova Munduruku. Faço, também, o relato de vida das pessoas entrevistadas, como as primeiras saídas de nossos anciões da terra indígena em busca de trabalho, nas fazendas circunvizinhas, a diminuição da dependência da FUNAI e as mudanças com a chegada da energia e *internet* nas aldeias.

Em “Análise dos empréstimos usados na aldeia Nova Munduruku” desenvolvo um breve relato da língua, seu tronco, a realidade que levou nosso povo a falar a Língua Portuguesa e se adaptar até o momento. Há, também, as iniciativas que nos levaram a trazer para dentro da comunidade comportamentos nocivos a nossa organização tradicional, tornando-nos indígenas que falam mais Português que nossa Língua Tradicional. Os que não dominam o Português insistem em falar até mesmo fora da norma gramatical da Língua Portuguesa. Além desses aspectos, apresento o alfabeto

Munduruku, a formação de novas palavras da nossa língua e as possibilidades de usar os empréstimos como uma estratégia de chamar a atenção para a prática da Língua Tradicional.

2 Relato de Pesquisa

Esta proposta de estudo teve início a partir da necessidade de se propor uma didática mais próxima da realidade vivida na aldeia Nova Munduruku, em especial na Escola Estadual Indígena Kixi Barompô, dado meu ingresso no Programa de Pós-graduação da Faculdade Indígena – FAINDI, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Embora existam algumas publicações com o intuito de fazer um vocabulário da Língua Munduruku, a maioria foi feita por pessoas que não são do povo Munduruku. Desde o programa incentivado pelo governo de fazer as publicações de cartilhas na Língua Munduruku, através do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), tenta-se produzir um material que possa retratar os aspectos da Língua Munduruku, mas entre as diversas inquietações, há o que se refere aos aspectos gramaticais e, principalmente, à grafia das palavras, ou seja, à escrita.

A partir dessas inquietações, começa a ser desenvolvido entre o povo Munduruku do Estado de Mato Grosso, do Estado do Pará e Amazonas o aprofundamento em vários seguimentos da Língua Munduruku com o objetivo de fortalecer e reavivar práticas culturais identitárias do povo. Uma das principais é a formação de professores Munduruku que trabalham em sua aldeia. No Estado de Mato Grosso tivemos o projeto Tucum, com a formação de Ensino Médio em Magistério Intercultural, e, em seguida, tivemos em nosso processo histórico de formação no 3º Grau Indígena, oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, a primeira instituição a realizar um curso de nível superior em licenciatura nas áreas de Línguas, Artes e Literatura; Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas, posteriormente nominado como Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, com participação efetiva de professores de nossa aldeia.

Com tais perspectivas, as comunidades indígenas, em especial a Munduruku, despertaram para o fortalecimento de suas práticas culturais, assim como a melhora da visibilidade socioeconômica inserida no contexto político-regional, estadual e nacional.

A proposta recente do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural veio ao encontro das necessidades das comunidades indígenas na continuidade de qualificação dos professores que estão em sala de aula, tornando-os protagonistas nos mais diversos seguimentos profissionais que as aldeias demandam.

O que proponho na pesquisa leva em consideração o contexto em que o povo Munduruku de Mato Grosso está inserido e a realidade escolar que carece de materiais pedagógicos para auxiliar nas aulas de Língua Originária na escola da aldeia e para a formação das novas gerações de nosso povo, assim como para outras escolas Munduruku que trabalham com os anos iniciais.

Por ser um assunto bastante abordado nos dias de hoje, é preciso observar a realidade do mundo globalizado que gera novas palavras no dia a dia devido à inserção de novas tecnologias que são disseminadas entre os povos. Os empréstimos linguísticos são uma realidade na forma de se comunicar, e, normalmente, está presente na população mais jovem. De acordo com Carvalho (1989, p.27), a língua é um mecanismo dinâmico e é usada de acordo com as situações demandadas pelo convívio social. Assim, “começa a se desenvolver como o deslocamento de uma norma. Ela se modifica sobretudo onde o sistema não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes”.

Essa mudança nas estruturas das palavras, quando um falante da L1 (1ª língua) começa a praticar a L2 (2ª língua), sempre tem a necessidade de alterações no modo de pronúncia, ou troca de uma letra, que de alguma maneira irá interferir na pronúncia. Essa mesma prerrogativa se aplica às comunidades Indígenas, inclusive Munduruku, pois desde os primeiros contatos, como foi apresentado no início deste trabalho, teve necessidade de uma adequação de palavras para o seu léxico, até mesmo uma adequação de palavras que eram desconhecidas e foram inseridas em nosso vocabulário, incorporando-se à língua e, hoje, passam quase despercebidas.

Pontuo em diversos momentos da pesquisa os motivos que levaram a juventude de nossa comunidade a não desenvolver o hábito da Língua Munduruku falada e escrita, o que me fez observar a relação deles com os comportamentos advindos da cultura externa à aldeia. Desde a criação da nossa aldeia, esses comportamentos interferem diretamente na maneira como a nova geração entende o uso de nossa Língua Originária. Pude constatar que há uma divergência de visão entre a nova geração e os anciões. Os jovens entendem que a Língua Originária é apenas para as pessoas mais velhas da comunidade e essas acreditam que a juventude pode herdar a responsabilidade de prosseguir com o ensinamento da língua em nossa aldeia.

Diante disso, decidi direcionar os trabalhos para as crianças e jovens Munduruku, com envolvimento de pessoas que dominam as duas línguas: Munduruku e Portuguesa. Foi de suma importância para o aprofundamento no tema e para reunir informações destinadas à produção do material que pudesse ser prático. Era necessário ouvir esse

público em momentos em que não tivesse nervosismo para responder os questionamentos pertinentes à pesquisa.

A abordagem precisava ser cautelosa, pois nossos jovens têm dificuldade de falar de maneira formal, enquanto para as pessoas de idade era preciso um tempo mais amplo, para que pudesse ser desenvolvida em ambiente confortável até lembrar das palavras que seriam consideradas empréstimos. A produção do material só foi possível mediante a participação dessas pessoas. Futuramente, será usado como uma das ferramentas para o ensino da Língua Munduruku na Escola Estadual Indígena Kixi Barompô.

Para dar início às entrevistas, foram necessárias leituras prévias de publicações com o tema da pesquisa e compreender conceitos e termos, o que contribuiu no momento de fazer as perguntas às pessoas convidadas para o desenvolvimento do trabalho.

Nesse cenário, foram observados, de maneira bem próxima, alguns alunos do Ensino Médio, que também participavam do Grupo Munduruku *Wuyjuŷu*, falantes Munduruku e Português. As conversas no dia a dia, nas reuniões entre os praticantes da Língua Munduruku levaram-me a constatar as palavras mais repetidas, e, assim, pude ter um panorama de quais pessoas poderiam ser entrevistadas por mim no período determinado.

Em seguida, foi iniciada a fase de entrevistas a partir de 15 de dezembro de 2021 com o Professor Bonifácio Kixi Munduruku, de 43 anos, que abordou as palavras em Português mais comuns entre os falantes como ele. No mesmo dia, foi entrevistado o Sr. Osmarino Sau Munduruku, de 67 anos, com a mesma pergunta, no entanto, o Sr. Osmarino fez questão de fazer uma narrativa de como ele aprendeu a praticar o idioma Munduruku desde criança e sua saída da aldeia onde morava para o garimpo, ocasião em que teve que aprender a Língua Portuguesa. Declarou que, mesmo sabendo o Português, ele prefere falar Munduruku: “Aprendi a falar primeiro Munduruku, na minha aldeia com meus tios, e assim que saí da aldeia para trabalhar no garimpo e fugir de um casamento que não queria, tive que aprender a falar o Português, no começo falava tudo errado, mas depois foi melhorando” (Osmarino Sau Munduruku, 2021).

No caso do Sr. Osmarino, fica claro que o processo de envolvimento dos Indígenas Munduruku com a sociedade não indígena teve uma consequência marcante em suas vidas. Na mesma conversa, ele afirmou que tinha vergonha de falar Munduruku por conta de muitas vezes ser discriminado por praticar sua língua no mesmo ambiente de pessoas não indígenas e isso contribuiu para que a maioria de seus filhos não fosse falante até hoje.

Sr. Osmarino, assim como muitos de sua época, passou por situações que trouxeram consequências, ainda hoje existentes, fruto de relações de imposição, de uma língua sobre a outra, como discute Mesquita (2009, p.38) acerca da temática: “tem papel importante na vida dessas pessoas, [...] podendo inclusive ser determinante para explicar qual língua será ensinada, usada ou preferida pelos falantes bilíngues”.

Durante a trajetória do trabalho, também tive dificuldades em decorrência de acontecimentos lamentáveis na comunidade, em virtude do período de pandemia, mas concluí como previsto no cronograma. Em seguida, tivemos um abalo que foi a perda da esposa do cacique, Sra. Madalena Manhuari, em 19 de agosto de 2021. Com o fato, as pessoas ficaram em choque, pois, além da pandemia, o período era de luto na comunidade Munduruku. Não era possível reunir os sujeitos que tinham informações para a pesquisa.

Quando tudo parecia estar melhorando, no dia 26 de outubro de 2021, minha esposa sofreu um aborto. Com esse acontecimento diretamente ligado a minha família, o abalo foi ainda maior, todo o ânimo e força de vontade foram se esvaindo, não tinha concentração para nada. Parecia que o mundo iria desabar ao meu redor, pois corria o risco de perder minha companheira também. Os espíritos atenderam nossas preces e ela se recuperou.

A metodologia prevista estava se mostrando difícil de ser utilizada mediante os acontecimentos, pois todo o levantamento de informações foi feito por entrevistas com as pessoas da comunidade Munduruku. Assim, com o que havia coletado pude desenvolver o trabalho com a realidade em que tanto a comunidade quanto eu estávamos passando.

Depois do tempo necessário, tive a participação direta dos alunos do Ensino Médio, Ensino Fundamental e do Grupo Munduruku *Wuyjuŷu* (Figura 6) que ajudaram a coletar e reunir as palavras para podermos melhorar a proposta do Glossário Ilustrado, no qual tive a participação de um aluno do Ensino Médio, Rafael Mendes Sau, e do Ensino Fundamental, Marcelle Sau Manhuari, meu sobrinho e minha filha, considerados bons desenhistas.

A aula foi preparada de maneira especial, pois foi feita uma articulação tanto dos alunos do Ensino Médio quanto dos alunos do Ensino Fundamental, alguns pais de alunos e participantes do Grupo Munduruku *Wuyjuŷu*. Após a explicação do que seria o conceito de “empréstimo”, dividi os participantes em três grupos: as crianças, os jovens e os adultos. Cada um citou diversas palavras que consideraram empréstimos e as escreveram em cartolinas com pincéis atômicos de cores variadas. Em seguida, as palavras foram reunidas e revisadas pelos que dominam a escrita, dispensando as crianças e alunos do Ensino Fundamental, ficando apenas as do Ensino Médio e as pessoas que ajudariam na

correção das palavras, como o Sr. Bonivaldo Kirixi, Josenir Waro Munduruku e Odailson Akay Saw Munduruku.

Nesse momento, houve a participação de minha avó Generosa Manhuari, de 72 anos, que trouxe um contexto semelhante ao do Sr. Osmarino, como eram vistos no período de criança e adolescente e a prática da Língua Munduruku em seu convívio. Também participou nosso cacique Joaquim Crixí, de 79 anos, que trouxe à tona o tema que considero o motivo desta pesquisa, que seria como as pessoas da aldeia Nova Munduruku começaram a falar Português. Ele me disse: “as pessoas começaram a falar português por conta própria!” (JOAQUIM CRIXI, 2022).

Dentre os demais jovens que contribuíram com a pesquisa está Bruno Kirixi¹ Munduruku, de 16 anos, filho do Professor Bonifácio. Relatou que aprendeu português ao chegar à aldeia Nova Munduruku, em 2017, onde a maioria dos colegas de sua idade queria que falasse somente Português, mas teve certa dificuldade e, aos poucos, como aconteceu com outros, foi aprendendo algumas palavras. Afirmou-me: “seria muito bom se todos da aldeia voltassem a falar, pois é só praticar no dia a dia, que todos acostuariam a falar Munduruku, pelo menos aqui na aldeia” (BRUNO KIRIXI, 2022).

Figura 1 - Alunos na Escola Estadual Indígena Krixí Barompô



Fonte: Marcelo Munduruku

Outro jovem que contribuiu muito com o diálogo foi Odailson Akay Saw Munduruku, de 21 anos, bilíngue, que teve participação assídua em nossas conversas com palavras e respostas nas versões de Munduruku para o Português. Ele, na data, estava

¹ “Kirixi” é a escrita original; “Krixí” é a escrita registrada no nome da escola e “Crixí” é a forma de registro no nome do cacique Joaquim Crixí.

como presidente da Instituição de nossa aldeia, Instituto Munduruku, aberto às inovações e metodologias de linguagem com o uso das redes sociais em seu trabalho: “a tecnologia é uma ferramenta para a juventude estar usando como uma forma de resistência, em defesa de nossos direitos e territórios, assim como a Língua Munduruku” (ODAILSON AKAY SAW MUNDURUKU, 2021).

2.1 Situação sociolinguística e educação escolar na Aldeia Nova Munduruku

Desde a implantação de uma política linguística interna em nossa aldeia, podemos convidar parentes Munduruku de outras regiões para o nosso convívio com a intenção de fortalecer a Língua Munduruku em nossa comunidade. Ainda estamos nesse processo, nossa população conta com 193 habitantes, com algumas famílias que ainda não estão no censo. Cerca de 50% ainda é falante da Língua Munduruku, 20% é falante passivo e há os que só entendem, mas não falam e 30% restante não entende nem fala. Nossa preocupação está na nova geração inserida nos 30%, para a qual precisamos de iniciativas e fortalecimento da proposta de revitalização. Na tabela abaixo, constam os dados recolhidos no posto de saúde da aldeia, ligado à SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) do governo Federal. Os dados são coletados e registrados num caderno e depois digitalizados. A cada três meses há atualização devido ao fluxo dinâmico de indígenas que circulam entre as aldeias próximas.

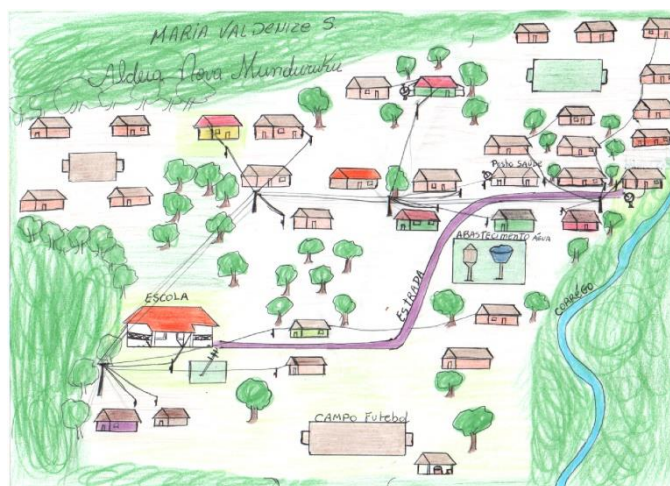
Figura 2 - Censo da aldeia Nova Munduruku

Censo da aldeia Nova Munduruku/ SESAI-2020	Diagnóstico Linguístico	Anciões	Jovens	Crianças	Total	Quantidade da População Na Aldeia Nova Munduruku
	Gênero	Falantes	Falantes	Falantes	Falantes	
	Mulheres	05	15	07	27	
	Homens	04	15	10	29	56
		Anciões	Jovens	Crianças	Total	
	Gênero	Falantes Passivos	Falantes Passivos	Falantes Passivos	Falantes Passivos	
	Mulheres	01	21	10	32	
						56

	Homens	00	17	07	24	
		Anciões	Jovens	Crianças	Total	
Gênero	Não falantes	Não falantes	Não falantes	Não falantes	Não falantes	
Mulheres	00	13	14	26	58	
Homens	00	22	10	32		
					Total 170	

Fonte: SESAI – Posto de Saúde da Aldeia Nova Munduruku - 2020

Figura 3 - Aldeia Nova Munduruku



Fonte: Maria Valdenize Sau Munduruku

Desde a criação da Aldeia Nova Munduruku (Figura 3), ainda não havia uma iniciativa específica para a questão do ensino da Língua Munduruku. Era necessária uma escola que se tornou possível em parceria com o município de Juara-MT na contratação do primeiro professor na aldeia Nova Munduruku. Inicialmente, o primeiro professor foi o Sr. Raimundo Manhuari, lecionou durante uma semana e foi substituído pelo cacique Joaquim Crixí. O nome da escola era Escola Municipal Munduruku, funcionava na casa do próprio cacique por não ter uma infraestrutura como todo início de escola em aldeia.

Segundo os relatos dos professores, as aulas teriam começado em 1997, um período que se estendeu, praticamente, por onze anos. A partir daí, deu-se início às ações de estruturação das escolas Indígenas em maio 2008, com a estadualização da Educação Escolar Indígena, em que ocorreu a construção de um prédio escolar na aldeia,

considerado um avanço para a época, pois até aquele momento nenhuma das aldeias dessa terra indígena tinha prédio escolar.

Nesse período, houve um avanço político-educacional em nosso Estado e, mediante o contexto, a Educação Escolar Munduruku precisou formalizar seu currículo específico para o Povo Munduruku de Juara. Com isso, ficou mais evidente a necessidade de se ter o ensino da Língua Originária na escola, após a elaboração do Plano Político Pedagógico (PPP), pois tratava-se agora da Escola Estadual Indígena Kixi Barompô, com sua matriz curricular definindo o “foco no posicionamento sobre a filosofia de vida do povo da comunidade indígena, noções de território e cosmologia, sustentabilidade e compromisso pela revitalização cultural e linguística do povo Munduruku” (PPP, Kixi Barompô, 2018, p.13).

Com todas essas novidades adentrando à aldeia Nova Munduruku, tivemos dificuldade em contratar um professor que pudesse ensinar a ler e a escrever em Munduruku, pois a única pessoa que sabia ler e escrever era o Sr. Joaquim Kixi, no entanto, já era aposentado e não dava para contratá-lo como professor. A comunidade teve que fazer, então, uma consulta entre seus membros para se ter uma ideia de quem poderia contribuir neste sentido como professor(a) de Língua Munduruku. Foi apontada a Sra. Maria Valdenize Sau Munduruku como professora de Língua Originária e para assumir, também, as demais disciplinas para se fechar a carga horária no contrato.

Nos anos seguintes, a disciplina ficou por área de conhecimento na nova Escola Estadual Indígena Kixi Barompô (Figura 4), mas teve a participação nos planejamentos do Sr. Joaquim Kixi e em todas as aulas dos horários semanais, de forma improvisada, até a introdução de um projeto em 2017, de fortalecimento das práticas culturais Munduruku. Por meio da organização da Aldeia Nova Munduruku, do Instituto Munduruku, em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT-*Campus* de Juara, foi desenvolvida uma proposta de difusão da cultura Munduruku no Estado de Mato Grosso, na qual estavam previstas as seguintes ações: a) produção e comércio de artesanato Munduruku em eventos realizados tanto pelo Instituto Munduruku, quanto pela UNEMAT; b) trazer para a aldeia Nova Munduruku professores de arte indígena Munduruku - Bonifácio Kirixi Munduruku; de Língua Munduruku - Zildo Karo Munduruku, do Estado do Pará e c) produção e divulgação de todas as atividades realizadas durante esse processo.

As iniciativas foram realizadas, mas dentro da proposta estava a intenção de fazer com que os professores permanecessem em nossa aldeia como novos moradores, o que aconteceu somente com um dos que vieram, o Sr. Bonifácio Kirixi e sua família, que ainda residem no local.

A permanência do Professor Bonifácio na aldeia Nova Munduruku trouxe uma esperança de poder ampliar a proposta de fortalecimento da Língua Munduruku na comunidade e tem contribuído muito com o grupo Munduruku *Wuyjuŷu*, em suas apresentações, e, principalmente, com este trabalho que apresento.

Figura 4 - Escola Estadual Indígena Kixi Barompô



Fonte: Marcelo Munduruku

2.2 Fortalecimento das práticas linguísticas e culturais do povo Munduruku em Mato Grosso

O grupo Munduruku *Wuyjuŷu*² foi uma das iniciativas com início em 19 de abril de 2009, para apresentação das danças Munduruku em parceria com a escola Estadual Indígena Kixi Barompô, na sede do município de Juara. Foi um sucesso, tanto para o grupo quanto para o movimento cultural Indígena no município, pois inovou nas apresentações e ainda desenvolveu em seus componentes o sentido de pertencimento, favorecendo a permanência das atividades até hoje.

O grupo participa de movimentos indígenas e eventos educacionais, mostrando os cânticos Munduruku, as pinturas corporais, narrativas de história de origem do povo como meio de revigorar as práticas de seus participantes, a prática de seus nomes

² Gente, pessoa.

tradicionais e do clã a que pertencem. O grupo Munduruku *Wuyjuÿu* (Figuras 5) tem um jeito diferenciado de apresentar a cultura indígena, não mais pela ótica do não indígena, mas sim com visibilidade que mescla a literatura de narrativas e formas de vivência em comunidade, com linguagem dinâmica entre o originário e o moderno, entre o ritual e o roteiro.

Todo esse trabalho teve resultado imediato nos meios de comunicação e entidades de ensino, o que instigou estudos de pesquisa e artigos que podem ser encontrados neste endereço: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/rcc/article/view/1389/1370>.

Figura 5 - Grupo Mundruuku Wuyjuÿu



Fonte: Marcelo Munduruku

A iniciativa teve como estratégia realçar nossa identidade, percebida no decorrer do período entre os jovens que estavam participando de forma direta em todos os processos de preparação, pois sentiram a força que tinham como povo indígena, ofuscada em alguns com a inserção dos costumes sertanejos do *Cowboy*. Em todo desenvolvimento, trabalhamos com os significados e símbolos existentes em nosso povo.

Nossas reuniões com a primeira turma aconteceram aos fins de semana, com uma conversa entre os jovens e relembrando cânticos. Nosso objetivo com a criação do grupo foi quebrar preconceitos que envolvem o ser indígena hoje e como isso reflete na vivência da defesa do território que ocupamos.

A intenção foi de colocar os jovens como protagonistas nas participações, além da participação de membros da comunidade, como o cacique e as lideranças, que muito têm contribuído com a iniciativa, para manter o ritmo das reuniões e ensaios não só com

jovens, mas com crianças, filhos de Munduruku com Kayabi, de Munduruku com *Pariwat*³, e até mesmo os Kayabi, que não tinham nenhuma “mistura” com Munduruku, que participaram assiduamente e aprenderam a dançar e a cantar nossos cânticos.

Figura 6 - Grupo Munduruku Wuyjuŷu



Fonte: Marcelo Munduruku

Existe uma realidade bastante significativa para mim, que não sou dominante da Língua Munduruku, mas tive que memorizar a maioria dos cânticos para ensinar cada um do grupo, assim como a dança, e isso mudou meu pensamento a respeito do que temos que saber para ensinar, como, por exemplo, a realidade que presenciei com as crianças Kayabi, que, mesmo não sendo Munduruku, sentem-se pertencentes ao nosso povo a partir da participação no movimento, ainda sabem os cânticos, a tonalidade da pronúncia das palavras e outros fatores necessários para a identificação.

2.3 Perspectivas e desafios para a educação escolar na Aldeia Nova Munduruku

Hoje, a proposta tornou-se um projeto de divulgação, com criação do site do Instituto Munduruku, www.institutomunduruku.org. Ainda este ano (2022), pretendemos realizar formação e intercâmbio com os Munduruku de outra região do Estado do Pará,

³ Não indígena

para que consigamos realizar a formação de novos membros, que comecem a participar desde os cinco anos de idade e que frequentem até depois de constituir família.

Em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Juara, o Instituto Munduruku elaborou e aprovou o projeto para fortalecer o grupo Munduruku *Wuyjuÿu* (Figura 6). Coordenei o projeto com a participação de dois professores Munduruku do Estado do Pará, Prof. Bonifácio e Prof. Zildo. As aulas aconteceram em dias alternados na própria Escola Kixi Barompô e, durante o desenvolvimento, reunimos algumas informações e confeccionamos um livro de cânticos Munduruku para o Grupo Munduruku *Wuyjuÿu*.

Figura 7 - Professores Munduruku do Pará



Prof. Zildo Karo



Prof. Bonifácio Kirixi

Fonte: Marcelo Munduruku

Ao final do projeto, o Professor Zildo Karo retornou para o Pará, ficando apenas o Prof. Bonifácio Kirixi e sua família, contribuindo com a proposta de auxiliar nas aulas de arte Munduruku e também de Língua Originária. Sua permanência na aldeia Nova Munduruku trouxe nova realidade, pois seus filhos e netos contribuíram de forma significativa para o fortalecimento da prática da Língua.

Em consonância com os trabalhos citados anteriormente e com o resultado das reuniões pedagógicas centra-se a criação do Glossário Ilustrado, como produto didático-pedagógico, com exemplos de palavras com as quais podemos ensinar a ler e escrever em Munduruku e a partir de seu uso possamos apresentar resultados mais positivos em nossa realidade, que nossos jovens desenvolvam o interesse pela prática da Língua Munduruku,

apesar dos “bombardeios” de informações externas à realidade de ser indígena neste tempo.

Levando em consideração a realidade de nossos alunos, o Glossário Ilustrado objetiva alcançar o aprendizado, uma vez que muitos de nossas crianças e jovens, mesmo com o trabalho do Grupo Munduruku *Wuyjuÿu*, ainda estão com a ideia de que a Língua Munduruku é uma língua apenas dos velhos, como está registrado na narrativa de uma das entrevistadas: “pois “eles” dizem que não falam porque é uma “língua de velho”, que por conta disso os adolescentes e boa parte das crianças que começam a falar tem vergonha de praticar a língua Munduruku” (LUCIVÂNIA HUARU BURUM 07/01/2022).

Esse relato é um dado preocupante, uma vez que nós, professores, desempenhamos um papel de orientar e direcionar a comunidade para um desenvolvimento que vise o sentido de pertencer à cultura, que resistiu durante séculos para manter-se firme em suas tradições. Agora, temos a oportunidade de criar ferramentas que possam tornar realidade a criação do material pedagógico destinado à escola e à aldeia.

Na ancoragem dessa proposta, compreendo que não basta apenas um instrumento de metodologia mediador, é preciso, também, um processo de conscientização da importância da Língua Munduruku na comunidade. Assim como foi um processo falar Português, podemos intermediar que a Língua Portuguesa pode e deve ser uma via de acesso à informação e formação, que as pessoas ao longo do tempo aprimorem o material, com resultado mais amplo, tendo em vista que a maioria das crianças e adolescentes não simpatizam com a Língua Tradicional, como relata uma delas, de 12 anos: “A maioria das pessoas de minha idade, apesar de entender a Língua Munduruku, sentem vergonha de falar e o motivo para que não pratiquem é o medo de falar errado e serem motivo de risada dos colegas, tenho vontade de dominar a fala, mas não sei o que posso fazer ainda, pois minha mãe é a praticante da Língua Munduruku em casa” (RAKELLI BÕRÕ MANHUARI, 09/01/2022).

Interpreto este dado como preocupante porque há iniciativas tanto da escola na aldeia Nova Munduruku quanto do Instituto Munduruku voltadas para o fortalecimento das práticas culturais, em específico, para a Língua Originária. Entendo que precisamos fazer algo mais incisivo, que desperte na nova geração o gosto pela língua ligada ao complexo cultural de seu povo.

Com esse diagnóstico, faço uma reflexão: se nosso povo, mediante essa situação, não praticar os conhecimentos, estaremos fadados a perdas irreparáveis em todos os seguimentos. Sem a contribuição de parentes do Estado do Pará seria muito penosa nossa caminhada para “voltar ao normal”, se isso ainda for possível.

Temos necessidade de que a comunidade, assim como os demais professores Munduruku se apoderem da iniciativa, pois a escola tem seu tempo reduzido para as atividades necessárias, indispensáveis também para os pais das crianças em seu processo de formação como Munduruku. É papel da escola indígena, como instância de sistematização, comprometer-se com a manutenção desse conhecimento, conforme aponta o documento do Ministério da Educação: “A educação escolar Indígena é caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias e pela valorização das línguas e conhecimento dos povos indígenas” (SECAD, 2007, p.9).

No entanto, a escola como órgão institucional por si só não consegue mudar realidades, há a necessidade de mais formação específica para os professores, na maioria dos casos, que vêm de escolas públicas não indígenas, como é o meu caso, e de outros indígenas, que trazem em seu currículo princípios que nem sempre são benéficos às comunidades a que pertencem. Em nosso caso, na aldeia Nova Munduruku, temos apenas dois professores formados e cinco em processo de formação. Embora tenha uma política de formação de professores indígenas, ainda precisamos estar concentrados em um esforço conjunto para cumprir nossas atribuições. De acordo com o mesmo documento citado anteriormente, a qualificação deve, essencialmente, conter uma “política de formação de professores indígenas focada na Licenciatura e no Magistério Intercultural, de produção de material didático e paradidáticos específicos” (SECAD, 2007, p.9).

As mais diversas iniciativas políticas para a capacitação de professores indígenas foram desenvolvidas, no entanto, a demanda continua a crescer, o que nos leva a conclusão de que há pouco investimento e incentivo nesse setor tão importante, visto que a população indígena é de 0,4% da população nacional, de acordo com o IBGE-2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A falta de material pedagógico específico nas escolas indígenas é um assunto que vem sendo muito debatido em seminários e encontros de professores, mas ainda não há uma produção que amenize sua ausência nas escolas para que possamos usá-lo como referência nos planos de aula. O acesso ao material, bem como a sua produção, está interligado com as políticas públicas mais urgentes da Educação Escolar Indígena. Uma questão que se arrasta nos governos desde o período colonial, conforme foi registrado em

1990, no III Encontro de Professores Indígenas do Amazonas e Roraima, no qual foi constatado que as intervenções do Estado nunca levavam em consideração as especificidades dos Povos Indígenas, conforme aponta a citação abaixo, extraída do documento da SECAD (2007, p.15):

a maioria das escolas indígenas estava estruturada e possuía normas de funcionamento consoantes às diretrizes das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, sendo que, tal estrutura geralmente impunha práticas educativas e conteúdos programáticos que não levavam em consideração as especificidades culturais de cada comunidade e seus processos próprios de aprendizagem. (MADI apud FREIRE, 2004, p.25)

À luz dessa necessidade, percebo que a Educação Escolar Munduruku de Juara tem passado pela mesma falta de material pedagógico desde sua origem, como foi mencionado no início deste trabalho, e o principal indício é que os materiais pedagógicos que eram usados pela Escola Municipal Munduruku vinham prontos da Secretaria Municipal de Educação de Juara. Suas metodologias propostas tinham pouca ou nenhuma relação com a epistemologia indígena, com o aspecto comunitário Munduruku. Preocupava-se mais que o indígena fosse preparado para o mercado de trabalho, fora da aldeia, e não valorizava as questões étnicas.

A realidade começou de fato mudar com a estadualização da Educação Escolar Indígena em nosso Estado. Foi a partir de então que se desenvolveu um aprofundamento da escola específica e diferenciada, que de forma prática não era bem entendida pela maioria da comunidade Munduruku, ainda estava presa ao conceito de escola que tinha que ensinar somente os conhecimentos dos não indígenas, pois os conhecimentos tradicionais não seriam importantes para seus filhos.

A participação da comunidade em várias reuniões de esclarecimento e de formação não somente para os professores, mas para as lideranças, foi crucial para esse entendimento e aceitação da proposta que até então era vista pela comunidade Munduruku como exótica. Concordo com a afirmação a seguir quando anuncia a perspectiva da Educação Escolar Indígena que demanda “a participação ativa das comunidades indígenas representadas pelos seus líderes, na elaboração, acompanhamento e execução dos projetos desenvolvidos em seus territórios” (SECAD, 2007, p.15).

Sendo este um projeto para as comunidades indígenas, começa o desafio de entendimento, pois aos termos ciência desse direito, encontramos dificuldade de lidar com pessoas ligadas ao Estado de Mato Grosso que os desconhecem. A Educação específica e diferenciada nas escolas indígenas, passou por um longo processo de compreensão do modelo que, para muitos secretários(as), era desconhecido. Até então,

atendiam apenas alguns aspectos das comunidades, como a questão de aquisição de merenda e de toda a logística para que toda cobertura de escola padrão do Estado chegasse à aldeia.

Alguns funcionários que tinham desconhecimento do modelo, não reconheciam essas demandas quando eram apresentadas, em alguns casos isolados foi imposta uma educação baseada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no RCNEI (Referência Curricular Nacional para as Escolas Indígenas).

Dentre tantos questionamentos: como podemos justificar que uma Escola Estadual segue um regimento próprio fora do “guarda-chuva” do Estado? A questão tem deixado muitos diretores de Escolas Estaduais Indígenas com poucas respostas, mas o Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena (CEII) tem trabalhado de forma incansável para reverter certas ações que vinham acontecendo, até mesmo com a indicação de um representante indígena na coordenadoria na SEDUC-MT, cargo extinto com a mudança de governo.

De maneira geral, tudo se trata de um “jogo” de interesse, de ambas as partes, tanto nossa quanto do Estado. Da nossa parte, o trabalho visa desenvolver a iniciativa da construção de um material que irá servir para futuros educandos de nossa aldeia e, assim, poder desfazer os conceitos colonialistas de educação e criar nossas próprias metodologias e materiais pedagógicos para o crescimento dos jovens, os quais poderão ter a oportunidade de aprender conteúdos em sua própria língua e na Portuguesa. Precisam saber reconhecer sua Língua Originária como um elemento constitutivo de sua cultura sem deixar de usar a Língua Portuguesa, ambas importantes para o processo de formação para a interculturalidade, como prática política no ambiente escolar e em seu convívio dentre os demais povos e a sociedade não indígena.

A educação é o único viés de acesso ao conhecimento de línguas, por isso o material será um instrumento para despertar o interesse pela busca de aperfeiçoamento. Desde a invasão, o dominador impôs sua língua e, por não a compreender, os povos da terra foram forçados a se afastar de costumes e de muitas tradições. O conflito sempre esteve fortemente ligado à questão da oralidade indígena, pois não escreviam suas narrativas, ao longo dos séculos apagadas pelo poder. Assim, “nessa batalha, nem sempre convencem os melhores argumentos. Os vencedores, muitas vezes, são aqueles que conseguem convencer seus leitores porque sabem usar bem a linguagem escrita.” (RCNEI, 1998, p.126).

Precisamos nos aperfeiçoar para que os desafios sejam superados e possamos manter nossos conhecimentos em primeiro lugar, firmes em nossa cultura que garante os

direitos mais fundamentais para nossa existência. São iniciativas nascidas no interior da aldeia que poderão gerar resultados positivos, como exemplo, a literatura de autoria indígena que vem construindo um espaço no universo das escolas públicas e privadas, desfazendo estereótipos e mudando a visão a respeito das populações indígenas brasileiras.

São instrumentos que tornam o indígena protagonista de sua própria história, na busca de reconhecimento de sua importância na sociedade, de sua voz, ocultada em favor do dominante, assim como os demais povos que fazem parte desta nação pluricultural tiveram respeitadas suas particularidades culturais e sua língua de origem. O percurso feito até aqui teve a intenção de mostrar, panoramicamente, as questões pertinentes à Escola Indígena e suas implicações dentro do sistema educacional brasileiro. Na próxima parte, destacarei algumas informações necessárias para compreender a presença do povo Munduruku em terras de Mato Grosso.

3 Povo Munduruku em Mato Grosso: migração e contato

A aldeia Nova Munduruku é uma comunidade composta de indígenas Munduruku vindos do Estado do Pará, em meados dos anos de 1970, como é narrado por moradores mais antigos. Teve participação na demarcação e homologação da terra Indígena, no decorrer do processo finalizado em 1991 como terra Indígena Apiaká/Kayabi. Nesse território estão acomodados os povos Kayabi, Apiaká, e, nós, Munduruku. No município de Juara, região noroeste do Estado de Mato Grosso também há os povos Rikbaktsa, na terra Indígena Japuirá.

A população Munduruku, contada com Estado do Pará, Amazonas e Mato Grosso, soma mais de vinte mil indígenas. Pertencemos à família linguística do tronco tupi, nossa autodenominação é *Wuyjuũ*. A palavra Munduruku vem da língua do povo Parintintins do Amazonas e quer dizer “Formiga Vermelha”. Segundo seus relatos, no tempo em que estávamos em disputa de território, nós atacávamos como as formigas vermelhas, no entanto tivemos outros nomes no decorrer da história de contato, como “Munturucu” e “caçadores de cabeça”, pois dentro das práticas tradicionais mais antigas de nosso povo eram feitas grandes expedições em todo o território da Mundurukânia para trazer para as aldeias centrais cabeças de indígenas, adversários, que atribuíam poderes místicos e forças espirituais aos caçadores. O guerreiro que conseguia a cabeça tinha *status* de não apenas um guerreiro, mas de um guerreiro espiritual, com o título de *Paikisé*, que significa “Corta-cabeça”, como está descrito abaixo:

apessoados, guerreiros, e temidos de todas as outras nações, que lhes dão apelidos de *paiquicé*, que significa “corta-cabeça”; porque costumam cortá-la a de todo o inimigo que lhes cai em poder; e sabem embalsamá-la de sorte que se conserva por largos anos com o mesmo aspecto do momento que foi cortada. (CASAL, 1976, p.325, apud LEOPOLD, 2016, p.154)

A cabeça, depois de embalsamada, ou mumificada, também tinha poderes espirituais que traria para a aldeia a qual o guerreiro pertencia, como fartura nas colheitas, nas caças e na escolha de pajés. Todos esses conhecimentos foram diminuídos no decorrer do contato com as frentes colonizadoras e com a população não indígena nas regiões ocupadas, um longo e doloroso processo tanto na cultura quanto na mudança da Língua Munduruku.

Atualmente, na região de onde somos originários, a maioria é bilingue, fala tanto o Português quanto Munduruku, uma realidade que poderia ser diferente se houvesse outra forma de contato, que não fosse forçada, não fosse desvalorizada nossa cultura

ancestral e houvesse cuidado específico nas políticas de proximidade adotadas pelos governantes da época.

A política da época em pouco difere das atuais, agora com mais de cem anos de contato, somos vistos como seres submetidos a outras culturas, como menciona Munduruku (2017, p.97): “Pelo senso comum, dá impressão de que as populações nativas foram apenas receptáculos passivos do que era feito, mas já sabemos que nunca foi assim”.

Esse ponto que Daniel Munduruku (2017) destaca é uma realidade. Ainda hoje tentamos esclarecer que tivemos que ter muita resistência para manter um pouco de nossa identidade cultural, diante de perseguições sofridas, mesmo depois da constituição de 1988, que garantiu aos povos Indígenas nossos territórios tradicionais, costumes e saberes, organização social e línguas tradicionalmente faladas. Continuamos, ano pós ano, nos preparando para, cada vez mais, termos nossos direitos preservados.

Do ponto de vista da organização social de nosso povo, a Língua Munduruku nunca deixou de ser falada dentro das famílias, mesmo estando ausente no ambiente da aldeia, em lugares como o garimpo, vilarejos ou mesmo em comunidades ribeirinhas, onde é praticada somente a Língua Portuguesa. A realidade se estende desde o Rio Teles Pires, que divide os Estados do Pará e Mato Grosso, e todo o Rio Tapajós que divide os Estados do Pará e Amazonas até o município de Santarém-PA.

Outra característica do povo bilingue é que, à primeira vista, se tem uma ideia de que eles não são indígenas, pois falam muito bem o Português. Essa característica tem uma explicação muito estratégica, que era aparentar aos *Pariwat* que estava aceitando a imposição de sua língua sobre a Munduruku, mas quando estavam entre parentes falavam a Língua Tradicional. Por várias vezes, presenciei episódios e vinha a pergunta acerca do porquê desse comportamento. Pude perceber que seria uma forma de resistência à imposição da Língua Portuguesa, pois quando as pessoas não indígenas queriam falar que os Munduruku estavam falando em sua língua diziam que estavam falando “gíria” e de fato isso foi e ainda é uma política discriminatória dos saberes indígenas desde a chegada nos territórios.

Penso que essa resistência tem muito a ver com a realidade local de nosso povo, pois o ambiente em que vivemos é um lugar de constante contato desde que nascemos, temos uma forte ligação espiritual que, muitas das vezes, não conseguimos ficar muito tempo longe de nossas casas. Não importa o quanto somos pressionados a mudar nosso

comportamento e nossa forma de pensar e agir, nossa língua faz parte desse contexto, pois cada lugar, cada árvore, peixe, caça, fruta é caracterizado por nossa língua em nosso ambiente. A partir desse ponto de vista, a língua é indissociável do território, é uma realidade. É o mínimo que se pode pensar a respeito de tal ligação que está enraizada em nosso ser.

É uma realidade não somente do povo Munduruku, mas de demais povos indígenas que têm passado por diversos processos de marginalização das práticas originárias, que, no passar do tempo, foram colocados no campo da normalidade para ter do povo a subserviência e temor. Na verdade, o invasor conseguiu em parte, pois a resistência vem se fortalecendo e trabalhos como este podem fazer a diferença na busca de ferramentas de engajamento na luta.

É nesse contexto que podemos encontrar conectivos para estabelecer uma relação de registro de empréstimos linguísticos, mas, para isso, é necessário ter um aprofundamento maior no processo histórico de contato com o não indígena e a influência de sua língua em nosso cotidiano. Além disso, importante resgatar a história de nossos antepassados, os conflitos pelos quais tiveram que passar, os ganhos e perdas causados no decorrer do processo, sem esquecer as demais etnias que muito contribuíram com a riqueza cultural dos povos originários.

Nosso povo teve um papel crucial para ocupação da Amazônia. Entramos para a História do Brasil a partir de 1770, quando se começa a atacar as bases avançadas da Colônia Portuguesa às margens do Rio Tapajós, conforme descreve Leopold (2016, p.85):

os Munduruku entram na história do Brasil por volta de 1770, quando lança uma série de ataques devastadores aos povoamentos localizados às margens do rio Tapajós. Já naquela época, os limites da Mundurukânia já haviam sido explorados por alguns colonos e por algumas missões estabelecidas por missionários jesuítas.

Após muitas expedições frustradas para dominação do nosso povo, o exército português adotou outra estratégia, ao invés de matar nossos guerreiros, eles cuidavam de seus ferimentos, os enchiam de presentes e os deixavam voltar à aldeia de origem. Com essa prática, queriam manter uma relação de paz, o que acabou funcionando, pois foi feito um acordo entre os líderes de nosso povo com os representantes do Grão-Pará para que nós ajudássemos a adentrarmos à região da Mundurukânia e também no domínio dos demais povos inimigos dos Munduruku. Segundo Leopold (2016, p.18):

um grupo de soldados e colonos conseguiu aprisionar dois índios de uma expedição que tinha atacado Borba. Eles permaneceram no forte da Barra do

Rio Negro por quatro meses, durante os quais eles foram bem tratados e receberam presentes. Reconhecendo as boas intenções de seus captores, os dois índios prometeram que uma vez livres trariam outros índios Munduruku para fazer a paz com os colonos.

Os colonos desse período, ao estabelecer relação de troca de farinha e borracha com nosso povo, iniciaram a relação de comércio porque nossos antepassados precisavam também de roupas, canivetes e machados. Eram os primeiros presentes entregues aos Munduruku e, logo depois, passariam para outras necessidades como o café, o açúcar, munição e sal, pois como nesses lugares não havia condições de refrigerar os alimentos, tanto a carne do peixe quanto a da caça, a carne era salgada e SECADA ao sol, para ser conservada por mais tempo. Há locais que ainda hoje preservam essa técnica.

Do aspecto mais amplo da migração do povo Munduruku para o local, os desafios sempre estiveram ligados à manutenção do território e à continuidade das tradições. Assim, nosso povo chegou à região de Juara-MT na década de 70, do Sec. XX, motivados tanto pelo comércio da borracha quanto pela pele de animais, período em que convivíamos com o Povo Apiaká, também parte desse comércio às margens do Rio Juruena. Período, também, do movimento de demarcação da terra Indígena Apiaká/Kayabi, com a permanência do povo Kayabi no local. Havendo necessidade de reunir mais povos, a articulação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) contribuiu para que o povo Apiaká também ficasse no mesmo local, dado o conhecimento que tinha do território. Foram orientados, então, a juntar o território com os Kayabi.

Foi nesse momento que veio um Munduruku junto com os Apiaká para a ocupação do território, hoje conhecido como Terra Indígena Apiaká/Kayabi (Figura 8). O nome do Munduruku era Solano Krixi, pai de nosso atual cacique Joaquim Crixi. A relação entre os Munduruku e os Apiaká foi amistosa até certo ponto, quando ficou insustentável pelos conflitos, mesmo com grau parentesco.

Decidiram deixar o lugar Joaquim Crixi e sua família, fazendo suas próprias canoas e saindo da aldeia Mayrob. Chegando não muito longe da aldeia Tatuí, algumas lideranças do Povo Kayabi interviram, procurando o grupo do Sr. Joaquim com a proposta que ele ficasse na Terra Indígena, mas que construísse sua própria aldeia onde achasse melhor. Ao consultar todos da família, e temendo serem perseguidos por fazendeiros passando pelo Rio Juruena, em virtude dos conflitos por terras, decidiram ficar e criar outra aldeia, que deu origem primeiramente à aldeia Tatu, pois margeia o córrego Tatu.

Mais tarde, as lideranças decidiram registrar na FUNAI, no dia 24 de junho de 1988, como Aldeia Nova Munduruku.

3.1 Terra Indígena Apiaká/Kayabi

A terra Indígena Apiaká/ Kayabi é um território que teve seu início de demarcação na década de 1964, finalizado e homologado na década de 1988, pelo Decreto Lei Nº 394 – 26/12/1991, que tem quantidade de 111 mil hectares de área, contendo dois biomas de floresta amazônica e cerrado, a noroeste do Estado de Mato Grosso, com uma população de aproximadamente 1000 indígenas, dividida em dezesseis aldeias com os povos Apiaká, Kayabi e Munduruku.

Figura 8 - Terra Indígena Apiaká/Kayabi



Fonte: <https://www.google.com/maps/>

A comunidade composta por sete famílias teve seu início com muitas dificuldades, entre elas o fato de estarem longe de seu território tradicional, pois as técnicas de caça e pesca eram diferentes das que estavam acostumados, não tinha matéria-prima para construções de suas casas que requerem um tipo específico de palha e não havia no lugar. Apesar disso, foram se adequando à realidade com o passar do tempo.

Importante destacar que na Aldeia Nova Munduruku há diversas famílias de diferentes pontos da terra Indígena Munduruku do Estado do Pará (Figura 9) e isso se torna relevante, pois em algumas famílias existe um nível de contato direto com a sociedade não indígena, em outras não. Dentre essas famílias, destacamos a *KIRIXI*, (*seringueira*) pertencente ao clã branco, que é o clã de nosso cacique Joaquim, que veio

da aldeia *Wareri*, às margens do Rio Cururu, afluente do Tapajós. Por estar em uma região bastante distante da comunidade ribeirinha, que tem influência dos não indígenas, inclusive garimpeiros, há falantes ativos (maioria) e, em menor quantidade, falantes passivos.

Também há a família *SAW (Formiga Vermelha)*, vinda da aldeia *Wareri*, pertencente ao clã vermelho, com metade falantes ativos entre os mais velhos e os mais novos não falam Munduruku. A Família *AKAY (Taperabá)* tem sua localização de origem na aldeia *Paratati* e a família *MANHUARI (Cupim grande)* pertencente ao clã vermelho, segundo os antigos, descendente de indígenas *Kukama*, do Peru.

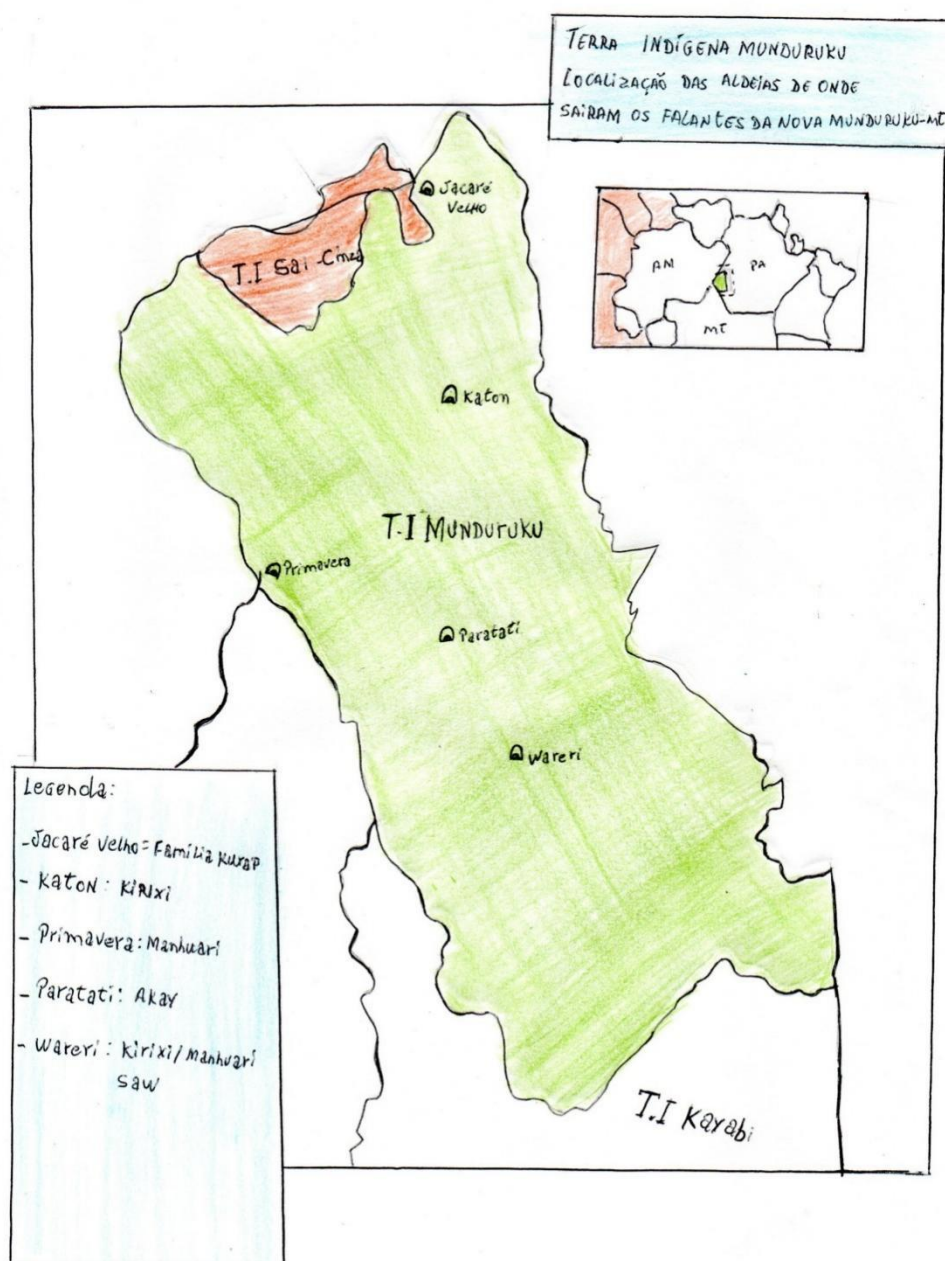
A família *MANHUARI* vem da região onde eu cresci, Aldeia Primavera, localizada às margens do encontro dos Rios Teles Pires e Juruena, próxima à comunidade ribeirinha conhecida como Barra de São Manoel, nas divisas dos Estados de Mato Grosso, Pará e Amazonas, no Alto Tapajós. A maioria dos Manhuari aqui da Aldeia Nova Munduruku não é dominante da Língua Munduruku.

Família *BÕRÕ (Algodão)*, pertencente ao clã branco, a maioria fala a Língua Munduruku; família *Kurap (Lambari)*, todos seus integrantes são falantes da Língua Tradicional, provém da Aldeia Jacaré Velho, região do Médio Tapajós, município de Jacareacanga-PA. As famílias *Kirixi*, *Saw*, *Bõrõ* iniciaram a aldeia que tem proximidade com os povos Kayabi, Apiaká e com o Povo Manoki pelo casamento de seus membros no município de Brasnorte-MT.

Pensando em uma maneira de ilustrar a localização desses lugares, tive a iniciativa de usar um mapa da terra Indígena Munduruku do Estado do Pará para demonstrar a localidade das aldeias relacionadas acima. Segundo Crofts (1967, *apud* COMODO, 1981, p.07),

há presentemente dois dialetos da Língua Munduruku, o do rio Cururu e o do Rio Canumã, os quais apresentam diferenças gramaticais, fonológicas e lexicais, embora mutuamente inteligíveis. A maioria dessas diferenças dialetais parece ser consequência do contato com o Português, ocorrido principalmente no Canumã.

Figura 9 - Terra Indígena Munduruku Estado Pará



Fonte: Marcelo Munduruku

4 Empréstimos Linguísticos e Educação Indígena

Quando falamos em empréstimo no senso comum, pressupõe-se que algo será cedido temporariamente e que, em seguida, vamos devolver, mas, quando se aplica aos empréstimos de palavras de uma língua para outra, esse sentido muda. É esse assunto que vamos desenvolver a partir da perspectiva de como os empréstimos linguísticos vêm transformando línguas no decorrer da história da humanidade, pois segundo Carvalho (1989), são tão antigos quanto a história da própria língua.

É uma realidade vivida pelos povos indígenas em nosso país desde a invasão, em 1500, e começou a se agravar com a imposição de políticas de domínio dos territórios e das línguas de nossos povos. O choque entre as línguas dos povos indígenas e a Língua Portuguesa teve seu momento mais crítico com a chegada das políticas integracionistas de Marquês de Pombal entre 1750 e 1777, ocasião em que *nheengatu*, considerada língua geral, usada na comunicação entre indígenas e não indígenas do litoral brasileiro, foi proibida e imposta a Língua Portuguesa como oficial.

A imposição de uma língua em detrimento de outra é uma ferramenta poderosa de dominação de uma cultura sobre a outra, tanto no momento da invasão e da exploração quinhentista quanto na atualidade. Normalmente, essas políticas de imposição estão pautadas em questões de crescimento econômico e forma de domínio, como aponta Carvalho (1989, p.10): “a história nos ensina que os povos que assim fizeram tornaram-se facilmente manipuláveis, acabaram por perder sua identidade, sua independência, e com ela sua liberdade”.

É evidente que a língua praticada nesse período não é a praticada hoje, tivemos um longo percurso até chegarmos aqui e isso comprova que as línguas indígenas, entre elas a Munduruku, também sofreram alterações. O que temos de comprovação são as narrativas de nossas histórias tradicionais que contam, conforme a tradição mítica de origem do Povo Munduruku, a história do aparecimento do personagem que representa o mal, seu nome era *Wãp wãp*, que, com o passar do tempo, passou a ser chamado de Tatu como se pode observar a narrativa abaixo:

Contam os antigos que quando não existia nada no mundo, surgiu o primeiro Munduruku, que andava pelo mundo, carregado de poderes e necessidade de melhorar a realidade e o ambiente em que passava. Construiu montanhas e tudo que existe no território conhecido como Mundurukânia, apenas enfiando penas de pássaros no chão e assoprando para tudo crescer espontaneamente. Esperava que esse mundo fosse cheio de perfeição e equilíbrio em tudo que existia. Seu nome era *Karusakaybu*. Começou a andar pelo mundo antes mesmo que as

pedras endurecessem por completo. A realização dessas maravilhas foi tão imensa que era difícil encontrar alguma imperfeição, apesar de todo o planejamento de *Karusakaybu*. Ele acabou existindo e tinha um nome que mudaria por completo a história de nosso povo, seu nome era *Wãp wãp*, tinha uma aparência até inofensiva e engraçada, mas carregava em seus atos a arte do engano e trapaça, adotando a aparência de um Tatu. Ele seria o oposto de *Karusakaybu*, que passaria a ocupar também o mundo. *Wãp wãp* não tinha mundo próprio, por conta disso precisava estar neste para sobreviver e viver realizando suas maldades.

Nesse pequeno fragmento da narrativa do mito de origem de nosso povo, não existia a palavra *Daydo* (Tatu) ou não era descrito dessa maneira, era usado *Wãp wãp*. Assim, podemos considerar que, uma vez que não tem registro, poderá ser substituída pelo *Daydo*, ou somente tatu, uma realidade apontada por Carvalho (1989, p.36) quando diz que “as línguas não são *Égon*, um produto acabado, são algo em constante transformação e se refaz continuamente. Isso contribui para o processo dos empréstimos que vão se transformando por meio das questões culturais estéticas e funcionais”.

Ainda de acordo com Carvalho (1989), o conceito de Empréstimo Linguístico acontece quando há uma vivência de duas línguas: uma que vai ceder e a outra que irá receber. A que cede é colocada como fonte ou modelo e a receptora faz adequações ou não, então, a “adoção e adaptação de um termo da língua estrangeira, isto é, o empréstimo” (CARVALHO, 1989, p.25).

Essa é realidade nas comunidades indígenas, em específico na comunidade Munduruku, desde a sua fundação, que têm passado por processos adversos nas questões da Língua Tradicional e os empréstimos são cada dia mais frequentes em decorrência do contato com a sociedade não indígena, da necessidade de aproximação, das condições de subsistência das famílias e da discriminação sofrida por nossa gente.

Os aspectos mencionados acima foram se tornando cada vez mais “normais” até se chegar ao ponto de não fazer mais sentido falar, escrever ou, ao menos, ensinar a língua para as novas gerações, situação resultante da adversidade política na qual o país está imerso, influenciando as famílias indígenas em diversas regiões, entre elas, as da Aldeia Nova Munduruku.

A humanidade sempre teve contato com povos diferentes no decorrer da história, mas a reflexão que faço, na prática, dá-se por conta de uma política de Estado que destaca uma língua e oculta outras, como é o caso das línguas indígenas que, segundo Carvalho (1989, p.70) ocorre por dirigismo cultural: “o dirigismo cultural é uma intervenção institucional em matéria de língua, cuja presença na sociedade não é recente. Por decreto,

o Marquês de Pombal eliminou o uso das línguas indígenas na nascente sociedade brasileira”.

Vivemos um momento oportuno para novas pesquisas e descobrir o quanto temos de influência de outras línguas. No Brasil, são faladas 274 Línguas Indígenas, consideradas minoritárias no território nacional, mas no Século XVI eram mais de 1.100 Línguas Indígenas faladas: “quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia de 6 a 10 milhões de índios e aproximadamente 1.300 línguas indígenas. Hoje, a população indígena no país não chega a 300.000” (RODRIGUES, 1996, apud RCNEI-Brasília, 1998, p. 117).

Diante do exposto acima, este trabalho busca investigar a interferência da Língua Portuguesa na Língua Munduruku, considerando as possíveis perdas que esse fato pode ter trazido, uma vez que contribuiu com o desaparecimento de costumes e tradições entre a população mais jovem da Aldeia Nova Munduruku.

A partir da compreensão do itinerário das mudanças ocorridas historicamente, este trabalho também se direciona à construção participativa de material que possa ser usado como ferramenta de formação de crianças e adolescentes. O Glossário Ilustrado, com palavras emprestadas da Língua Portuguesa para o Munduruku, contribuirá com o aprendizado da Língua Originária na aldeia.

A proposta de que cada comunidade indígena produza seu próprio material didático é uma das muitas iniciativas desenvolvidas a partir da constituição de 1988, com articulação de professores e lideranças indígenas, nos últimos anos, na busca incessante de tornar realidade “a produção e a valorização da língua materna e dos processos de ensino-aprendizagens no âmbito das escolas nas aldeias” (BANIWA, 2013, p.03).

Dessa maneira, seguindo o princípio de que a “a Educação escolar Indígena é caracterizada pela afirmação das identidades étnicas pela recuperação de memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimento dos povos Indígenas” (SECAD, 2007, p.9), destaco que o mais importante de uma nação Indígena são seus conhecimentos, costumes, tradições, língua e seu legado cultural, um patrimônio imaterial que vem se perdendo com a proximidade de outras culturas, levando as novas gerações a deixar as tradições internas da aldeia e seguir a influência da população urbana.

Essa relação entre comunidades indígenas, em especial as da região amazônica, como o povo Munduruku, não é diferente dos demais povos das regiões litorâneas. Tivemos nossos momentos de angústia diante de imposição de modelos de desenvolvimento educacional com origem na invasão de 1500, e que, no decorrer do

processo, foi pensada uma “Escola para índio” (BANIWA, 2013, p.01), cuja finalidade era que fôssemos integrados e assimilados pela sociedade nacional. Com a promulgação da Constituição de 1988, começa a nova fase, caminho inverso do que estava sendo trilhado, pois não seria mais uma escola para “Índios” e sim uma Escola Indígena.

Essa inversão trouxe para as comunidades indígenas esperança de que a educação indígena poderia contar com a educação escolar. No entanto, junto a ela veio a necessidade de adequação, como a formação de professores indígenas, que fossem protagonistas da formação de seu povo, para valorização da cultura e das práticas cotidianas. Essa realidade surpreendeu muita gente, principalmente aquelas que estavam acostumadas com o modelo colonialista. Ainda há sinais de pessoas, inclusive indígenas, que acreditam no modelo como mais eficiente.

A prática de desenvolver a educação escolar indígena dentro das aldeias apontou para vários avanços no aspecto da autonomia de nosso povo. Um deles foi a criação de um Plano Político Pedagógico próprio, elaborado com a participação de toda a comunidade, não sendo mais refém das propostas colonialistas impostas pelas secretarias de municípios que não sabiam como funcionava a educação escolar indígena.

Diante dessa realidade, sem sombra de dúvidas, havia um total desfavorecimento das Línguas Indígenas, do ponto de vista da carga horária semanal em nossas escolas. Ainda se mantém, como se pode perceber na distribuição de carga horária na área de linguagem, mais espaço para a Língua Portuguesa que para a Língua Munduruku, ou, como é colocada, Língua Materna.

Um debate que se perpetua em reuniões de professores, em processos de formação continuada, mas que, na prática, precisa que a entidade responsável pela educação escolar indígena, na pessoa da gestão, aceite a regulamentação do aumento da carga horária da Língua Originária no ambiente da escola. A não regulamentação tem levado a processo de judicialização da demanda, pois, apesar dos gestores saberem dos direitos dos povos indígenas, não conseguem ou não sabem lidar com a demanda. Como o Professor Gersem Baniwa esclarece: “os dirigentes políticos, os gestores e os técnicos locais apresentam forte resistência à mudança de mentalidade, cultura e prática política” (BANIWA, 2013, p.06), pois não aceitam que os indígenas tenham seus direitos postos em prática.

Também temos os colegiados de processo decisório dentro de instituições. Em Mato Grosso tem sido o CEEI/MT (Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso) que teria um papel fundamental de fazer valer as políticas de Estado para as

escolas Estaduais Indígenas, mas que, tendo falta de investimento para seu funcionamento, não consegue ser efetivo pela extensão do Estado e a demanda de um alto investimento para realizar suas ações. Essas limitações, nos mais diversos campos de funcionamento, acontecem pela mais simples constatação de que o Estado (Governo), em suas diversas esferas, não tem a educação escolar indígena como prioridade em seus programas.

A reflexão desse contexto me faz entender que há uma resistência em parte do governo que não adere às reivindicações indígenas pela seguinte questão: o conceito de desenvolvimento para as comunidades indígenas é diferente das que o governo prega, esse pensamento sempre divergiu no decorrer da história. O entendimento do mundo que os indígenas têm difere da compreensão da sociedade não indígena, no que se refere à vivência em sociedade. Assim, o fundamento essencial é

construir uma escola indígena com processos pedagógicos que suprem o monopólio da cultura escritocêntrica abrindo espaço para outros modos de transmissão de conhecimentos por meio da oralidade, da imagem, da observação e repetição de bons exemplos dos mais velhos e do aprender fazendo, vivendo, experimentando, pesquisando e descobrindo”. (BANIWA, 2013, p.09).

Diante desse ponto de vista, entendo a “Escola para Índios” como uma via para preparar os indígenas para o mercado de trabalho e não para uma vivência harmônica e descoberta pelas próprias metodologias indígenas. Temos muitos desafios de aceitação e divulgação da metodologia de ensino-aprendizagem das comunidades indígenas. O registro dos empréstimos linguísticos é uma ferramenta capaz de auxiliar na compreensão de nossa Língua Originária, de nossas tradições, o que fortalecerá a identidade do povo. A seguir, demonstro alguns elementos do convívio das duas línguas.

4.1 Empréstimos na Língua Munduruku de Mato Grosso

A aldeia Nova Munduruku é uma comunidade composta de indígenas Munduruku vindos do Estado do Pará, em meados dos anos de 1970. O panorama da realidade que a região estava passando é o processo de ocupação de imigrantes do Sul do país na busca de terra para a integração do território da região Noroeste de Mato Grosso com especulação imobiliária. Na época, os indígenas eram vistos como grave problema para os migrantes, pois tinham medo de ocupar a terra e perdê-la para os povos da região.

Esse era o contexto da região quando nosso povo chegou motivado por outra política que seria a de subsistência. A partir desse momento, começa a convivência dos

Munduruku, primeiramente com o povo Apiaká, em seguida com os Kayabi e, em seguida, com os *Pariwat*, os não indígenas.

No território, nós, Munduruku, começamos a sentir as diferenças de ambiente, totalmente diferente de nosso território tradicional conforme vamos descrever a seguir nos relatos dos entrevistados que têm como principal personagem o patriarca e Cacique Sr. Joaquim Cixi, à frente de nosso povo desde a abertura da comunidade. Dentre as perguntas, estava o questionamento que há muito tempo inquietava meus pensamentos: quem dentre os que chegaram a esse território começou a falar Português? O cacique não deu muita importância, no primeiro momento, mas os relatos de minha avó Generosa e do Sr. Osmarino apontam que a maioria dos que começaram a aldeia eram falantes da Língua Munduruku e, agora, também falam Português. A pergunta ficou sem resposta do Sr. Joaquim, mas ouvi dos demais entrevistados.

Ouvido o primeiro relato de nosso cacique, comecei a falar com os demais integrantes de minha família. Minha avó Generosa Manhuari fez um relato mais detalhado de como foi sua vida desde criança até se tornar mulher e casar-se com meu avô Aricí Tariguarina. Desde criança, viveu com seus pais na aldeia no rio Cururu, afluente do Rio Tapajós, seu pai não falava Português, mas seu convívio foi sempre no meio dos *Pariwat*⁴. Com o passar do tempo, começou a esquecer como se falava Munduruku, não porque não quisesse e sim pela falta de praticar a língua. No tempo em que viveu na Aldeia Xikural, havia sempre as práticas culturais, danças e os tocadores de taboca, costume que hoje não se pratica mais, principalmente nessa aldeia. A taboca era usada para comunicação, quando alguém vinha ao longe avisava que tipo de caça havia conseguido pelo tocar da taboca: “Se o caçador matava um veado, as mulheres já sabiam só pelo toque da taboca, se era anta, porco, tudo assim quando estavam chegando já começavam” (GENEROSA MANHUARI, 2022).

Pelo relato de minha avó, fica claro que teve influência da Língua Portuguesa desde criança. Mesmo diante de tantas mudanças, ainda traz na lembrança como era a comunicação tradicional Munduruku da época. Minha avó não relatou como foi sua vida como mãe. Tenho conhecimento que todos os seus filhos são falantes da Língua Portuguesa, fica evidente, então, que seus filhos permaneceram falando Português na Aldeia Nova Munduruku e isso se ampliou no decorrer dos anos.

No decorrer desta pesquisa, pude perceber também que, dentre os falantes Munduruku, existem aqueles que têm mais contato com a Língua Portuguesa e outros

⁴ Não indígena

não. Os que têm maior contato usam mais os empréstimos linguísticos e os que têm menos contato usam menos. Essa realidade é mais evidente nas famílias que aderiram à Língua Portuguesa desde o começo da Aldeia Nova Munduruku e se estendeu às gerações seguintes. Outro fator que contribuiu para que parte de algumas famílias da aldeia falasse apenas a Língua Portuguesa é o contexto social, político e cultural do momento.

Historicamente, a Aldeia Nova Munduruku, assim como as demais, estava sob tutela da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) desde a homologação da Terra Indígena e existia um clima bastante desafiador entre as pessoas que perderam ou já estavam loteando parte da área que agora é Terra Indígena, como se lê no relato a seguir: “Assim, quando queríamos voltar para o Pará, o Povo Kayabi, com suas antigas lideranças, pediu para que ficássemos, para ocupar o Território, e que poderíamos fazer nossa aldeia onde achasse melhor” (GENEROSA MANHUARI, 2022).

Com o passar do tempo, nosso povo percebeu que a maioria das pessoas da aldeia Mayrob, do Povo Apiaká, tinha seu sustento apenas de produtos trazidos pela FUNAI, mas meu avô Arací Tariguarina decidiu sair da Terra Indígena para trabalhar nas fazendas circunvizinhas, conta minha avó. Muitas pessoas das outras aldeias não aprovaram a iniciativa. Tempos depois, vendo os resultados e as condições financeiras de meu avô, sem auxílio da FUNAI, começaram a fazer o mesmo.

A consequência derivada dessa prática de trabalho foi a necessidade de domínio cada vez maior da Língua Portuguesa para conseguir trabalhar nas fazendas. Concomitantemente, crescia, também, a necessidade de a aldeia ter acesso a políticas públicas de infraestrutura no setor de saúde e educação. Com a criação do Instituto Munduruku, a Língua Portuguesa teve seu protagonismo entre os indígenas, que formavam grupos de lideranças das principais aldeias: Tatuí, do povo Kayabi, Mayrob, do povo Apiaká e Munduruku, obtendo sucesso em suas iniciativas.

Muitas das lideranças não estão entre nós, mas contribuíram de forma significativa no fortalecimento da aldeia que representam. O repasse de informações em reuniões da aldeia Munduruku, geralmente era em Português, poucas vezes falavam Munduruku, isso despertou na juventude o desejo de falar Português como se a prática da segunda língua fosse uma situação de *status*.

Reafirmo que, hoje, boa parte da juventude Munduruku é falante passivo ou ativo, no entanto, sentem certo temor de falar, de falar errado, como foi constatado nas entrevistas. Com a chegada das novas tecnologias, como o computador e *internet*, em 2012, os empréstimos linguísticos passaram também para algumas palavras em Inglês, tendo abertura para outra língua no ambiente da aldeia.

Esses fatores combinados com o crescimento político-financeiro na aldeia levaram à explosão de diversos acontecimentos, como ampliação das ações de saúde, infraestrutura de escola, contratação de pessoas da aldeia nos mais diversos seguimentos de prestadores (as) de serviços. Ocorreu, também, o início de trabalho com associação, no nosso caso, o Instituto Munduruku, que teve papel crucial para visibilidade, valorização e divulgação das práticas, pois as políticas públicas que estavam sendo adotadas na escola, recém inaugurada, estavam em construção. Havia muitas dúvidas das pessoas da comunidade se certas ações voltadas para a cultura eram coerentes com a proposta de criação da escola.

Como apresentado anteriormente, as pessoas da comunidade Munduruku vieram do Estado do Pará, região do alto e do médio Tapajós, que corresponde ao município de Jacareacanga. Essas pessoas, hoje adultas, tiveram professores que adotavam metodologias de ensino de cunho militar, que, de certa forma, estão voltando hoje com uma nova “roupagem”. Adotaram uma metodologia de ensino na região que ficou marcada em suas mentes, como a “escola para índios”. Agora, não estavam certos de que a nova metodologia de escola indígena pudesse ter a eficiência que a perspectiva do mercado de trabalho exigia, inclusive eu tinha esse pensamento. No decorrer de minha formação acadêmica específica, pude perceber uma diferença espantosa na proposta de ensino específica para as comunidades indígenas.

Agora, mais de uma década de escola indígena e um desenvolvimento político-pedagógico em nossa aldeia, estamos concluindo que as novas metodologias têm despertado em nossos alunos não só um grande interesse em crescer como comunidade, mas também a certeza de sua identidade, a autoafirmação de ser indígena. Mesmo com deficiência em alguns seguimentos de infraestrutura, de apoio de material específico, a proposta está sendo desenvolvida.

As palavras que foram selecionadas para a produção do material específico são resultado, inicialmente, de uma observação das pronúncias mais repetidas em reuniões e diálogos entre os praticantes da Língua Munduruku, em que se pode observar, na maioria dos casos, identificação de objetos e seu formato. Segundo Carvalho (1989, p.27), “é quase impossível descobrir quem e quando iniciou uma inovação ou adotou um termo” pois a língua muda no tempo e no espaço em que é usada.

No decorrer da pesquisa, constatei que a maioria dos empréstimos da Língua Portuguesa para o Munduruku, na comunidade, foi um processo em dois momentos: o primeiro, quando a aldeia foi aberta, com a necessidade de domínio do Português para as atividades comerciais, a articulação das primeiras lideranças junto às entidades

governamentais, a venda de produtos da aldeia no vilarejo mais próximo da aldeia, distrito de Águas Claras e até mesmo na cidade de Juara-MT. O segundo, foi devido à abertura da Escola Estadual Indígena Krixí Barompô, pois era necessário ter uma boa articulação dentro dos órgãos de controle ligados à Secretaria de Estado de Educação-SEDUC/MT e do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena, no qual sou conselheiro suplente.

Assim, deu-se a busca de parcerias para o início da produção de material específico que desenvolvesse atividades e tivesse elementos do contexto dos alunos matriculados para as aulas de Munduruku para o Português.

Outro aspecto que contribuiu para a produção do material foi a chegada de outros Munduruku do Estado do Pará, que trouxeram a oportunidade de reverter os retrocessos vivenciados até o momento e poder colocar o uso da Língua Munduruku em primeiro plano para seu fortalecimento. As palavras usadas são as que têm ligação direta com objetos do dia a dia, por isso a intenção de fazer com que essa temática seja algo simples para o aluno, uma vez que apresenta o cotidiano das pessoas na aldeia e objetos que cada um possui em sua casa para, a partir da constatação, perceber que se pratica o empréstimo linguístico. Isso tem significado e história para o povo, sentido de resistência e resiliência em todas as mudanças por que passaram nossos pais e avós.

O Glossário Ilustrado apresenta essa proposta, pois o povo Munduruku tem uma forte ligação com o que vê e o que pode fazer, prova disso é que sempre teve apreço pelo desenho que faz parte da identidade. O grafismo são desenhos que retratam toda nossa organização de clãs e a força espiritual e exogâmica, trazendo o fortalecimento genético e grau de parentesco pautado em antiga tradição identitária. Outro elemento importante é a ilustração que nos remete à prática de estarmos dispostos a nos adequar às realidades dos símbolos, agregar ressignificação nas vertentes simbólicas modernas.

É uma característica de nosso povo, uma vez que cada clã tem sua própria pintura e seus significados, como nos momentos de festa e de guerra. Usar a ilustração com as palavras emprestadas da Língua Portuguesa e adequadas em nossa língua é a prova do porquê chegamos até o momento diante do desafio de adequação dos usos de novas tecnologias e de palavras que foram agregadas ao nosso léxico.

As pinturas também são um patrimônio imaterial como a língua e, com esse glossário, espero que consigamos nos afastar cada vez mais do risco de desaparecimento de nossa língua. Que essas palavras consigam despertar em nossos alunos de hoje e do futuro o sentimento de pertencimento e de autoafirmação que, muitas vezes, nossos avós e nossos pais não conseguiram externar, mas nos oportunizaram ferramentas para que conseguíssemos.

4.2 Análise dos empréstimos

A língua do povo Munduruku do tronco Tupi tem sua estrutura gramatical diferente da Língua Portuguesa em vários aspectos, como a mudança no tempo e espaço. A proximidade com a Língua Portuguesa em sua história de contato trouxe não apenas a questão dos empréstimos linguísticos, como também alterações nos conhecimentos tradicionais, pois a Língua Munduruku não é apenas um meio de nos comunicarmos, ela contém em si combinações de significados, símbolos, que conduzem para o entendimento da mitologia ligada à cosmologia ancestral e que teve suas adequações com o objetivo de fazer com que aqueles não dominantes da Língua Munduruku pudessem entender as histórias e significados presentes nas narrativas primordiais.

Assim, dada a importância do assunto, o desenvolvimento deste percurso de investigação foi realizado em parceria com as pessoas da Aldeia Nova Munduruku, com os relatos das entrevistas, coleta de palavras que já faziam parte do léxico cotidiano, informações e a participação dos mais interessados na pesquisa, os alunos da Escola Estadual Indígena Krixí Barompô, como se vê na figura abaixo.

Figura 10 - Alunos nas atividades de empréstimos linguísticos



A preparação para a participação dos alunos tanto do Ensino Médio quanto do Ensino Fundamental precisou de um planejamento especial, pois se fazia necessário obter a maior quantidade de palavras que pudessem para se chegar à quantidade coerente. Mesmo descartando algumas, ainda assim houve uma quantidade relevante para o desenvolvimento do Glossário Ilustrado, utilizando a “chuva de ideias” como método de coleta de palavras, usando como critério nomes de utensílios do dia a dia, nomes usados durante os diálogos entre os dominantes da Língua Munduruku.

Esse momento de participação dos alunos foi muito produtivo, principalmente nas ocasiões em que houve debate da maneira de se escrever certas palavras corretamente. Foram coletadas em torno de quarenta palavras das quais poucas foram descartadas por apresentarem inconsistência em sua grafia. Essa etapa teve a participação do Professor Bonifácio Kirixi, um Munduruku que domina a fala e a escrita da língua. Cada palavra selecionada passou pela sua avaliação e correção para que pudesse passar para a segunda fase da produção do Glossário, a produção dos desenhos com participação dos alunos que tinham habilidade para ilustrações das palavras escolhidas, como consta no planejamento:

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KRIXI BAROMPÔ

Diretor: Elivelton Fernandes França

Professor: Marcelo Manhuari Munduruku

Data: 17/12/2021

Ensino Fundamental/ Médio		
Língua Materna: Empréstimos da Língua Portuguesa para a Munduruku		
Habilidades	Comentário	Objetivo do conhecimento
Desenvolvimento de atividades de coletividade para aprimoramento da disciplina	Os estudantes terão a finalidade de reunir todas as palavras ligadas aos empréstimos de palavras da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku, assim como fazer as devidas correções.	• Reunir o máximo de palavras que são consideradas empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa. • Classificação das palavras encontradas. • Correção da estrutura das palavras. • Produção do Glossário
Turmas	Horários	Resultados
Ensino Fundamental Anos 7º, 8º, 9º	Das 19:00 às 21:00	2 cartazes e 27 palavras encontradas
Ensino Médio 1º, 2º, 3º anos	Das 19:00 às 22: horas	1 cartaz e 16 Palavras encontradas
Obs.: no decorrer das correções, foram acrescentadas mais 26 palavras com o professor Bonifácio Kirixi Munduruku, totalizando sessenta e nove palavras ilustradas no Glossário.		

Dentre os materiais que deram subsídio para a produção do Glossário e para a dissertação está o alfabeto elaborado pelo Professor Zildo Karo, presença fundamental para o aprofundamento dos usos dos sons necessários para descrição das estruturas.

No alfabeto Munduruku não se usam algumas letras do alfabeto Português e isso faz toda diferença, pois a pronúncia de palavras com letras que fazem parte do alfabeto Português será substituída por outra que existe em nosso alfabeto, como por exemplo o

“l” que será substituído pelo “r”. Também é perceptível a troca do som na pronúncia de palavras com “o” substituído pelo som do “u”.

Essas são algumas variações no uso das letras do alfabeto Munduruku em comparação ao alfabeto Português. Segundo o estudioso do tema Martines (2007, p.27), “o falante modula de forma diferente morfemas iguais, ou seja, ocorre a variação de intensidade do tom conforme o significado”. Esse aspecto fônico da língua é conhecido como classificação nominal e sua expressão formal é dada por meio dos classificadores nominais, na prática quer dizer que cada nome tem uma terminologia que a classifica como um ser inanimado ou um ser vivo, sua forma redonda ou retangular, líquida, de madeira.

Isso varia de acordo com o empréstimo utilizado, pois o que ficou constatado é que nem sempre o que é classificado como redondo, na pronúncia é de fato, devido sua variação no decorrer do tempo, que é o caso de *boraxa’a*, entre outros que vamos aprofundar mais adiante. Para conhecimento do leitor, apresento a seguir o alfabeto Munduruku com sua respectiva pronúncia.

ALFABETO MUNDURUKU

A a	B b	C c	D d	E e	Ğ ğ	H h	I i	J j	K k	M m
/a/	/b/	/tʃ/	/d/	/e/	/ŋ/	/h/	/i/	/dʒ/	/k/	/m/
N n	Oo	Pp	R r	Ss	T t	U u	W w	X x	Y y	
/n/	/o/	/p/	/r/	/s/	/t/	/ə/	/w/	/ʃ/	/j/	

Vogais Nasais: **Ă ă** **Ě ě** **Ĭ ĭ** **Ŏ ŏ** **Ū ū**

Fonte: Zildo Karo

As vogais nasais são as mesmas vogais orais abertas, exceto as que recebem um til. Esse sinal é utilizado, também, para distinguir quando uma consoante é nasal, por exemplo <ğ>.

Quando descrevemos um objeto na Língua Munduruku, é destacado o elemento que o caracteriza, se é um objeto inanimado, animal ou humano e seu gênero, usados em diversos momentos do convívio social. As palavras em Munduruku têm em sua estrutura os prefixos e sufixos, pois garante ao comunicador uma descrição do que está sendo

falado em diálogos ou em narrativas. Como o povo indígena tem a tradição da oralidade, a estrutura favorece ao interlocutor bom entendimento do que se quer comunicar.

Nas frases a seguir, podemos ter uma noção de como funciona a Língua Munduruku:

<i>[Wuy] Kabia suat!</i> ↑ Representação de um coletivo Bom dia a todos!	<i>[Wuyjuŷu] ajem ġasũ.</i> ↗ Pessoas chegaram agora/ hoje
--	---

Como podemos verificar acima, o prefixo *Wuy* tem o sentido de representação de um coletivo que, segundo os mais antigos, significa força de espírito, que pode ser usado em situações que representam um coletivo de pessoas ou do cosmo.

No exemplo abaixo, podemos verificar a caracterização do objeto, que tem o papel de adjetivo para qualificar a natureza do objeto em destaque.

<i>Oduk'a tabua ip at'a</i> ↑ Minha casa é de madeira	<i>Ekube ip mugěġ</i> ↘ Sua canoa é de madeira
--	---

Nos exemplos acima, o núcleo da frase destaca o “*ip*”. Sua descrição se relaciona com a madeira, comum em toda língua do tronco tupi, e essa relação continua levando em consideração outras palavras, como o caso da água, o “*di*”, e relacionado a pó temos o “*nôm*”. No caso dos empréstimos da Língua Portuguesa para o Munduruku, mesmo que tenham alterações no léxico, é destacada essa característica no sufixo, como podemos observar no quadro abaixo:

WUYAÕ PARIWAT AÕ DAGAT/ Nossa língua já está na Língua Portuguesa		
Português	Munduruku	Descrição
Água	idibi	Líquido
Café	Kapedi	
Refrigerante	Refrigeranti di	
Caldo de cana	Kaġa di	
Vinho de açaí	wapũrũm ti	
Leite	Reiti di	
Português	Munduruku	Descrição

Café em pó	Cape nôm	Em pó
Leite em Pó	Reiti di nôm	
Sabão em Pó	sabão nôm	
Milharina	Mura nôm	
Pólvora	Nobano nôm	
Português	Munduruku	Descrição
Bolacha/Biscoito	Boraxa'a	Arredondado
Panela de pressão	Panera de pressão'a	
Lâmpada	rampada'a	
Lata	Rata'a	
balde	Balde'a	
Popunha	wesuda'a	Arredondado
Murici	kegebi'it'a	
Bolo	Boro'a	
Português	Munduruku	Descrição
Pincel	Pincel ip	Madeira
Lápis	Rapi'ip	
Caníço/ Vara de pesca	Pigã ip	
Tábua	Tabowa ip	

As palavras em Munduruku normalmente têm representatividade para descrição voltada para o modo de descrever a forma da cosmologia de nosso povo, que é uma maneira de descrição que remete aos elementos de que o mundo foi feito por Karusakaybu, e que, com o passar do tempo, vem se modificando no tempo e no espaço. Assim, coloco algumas das palavras descritas acima para contextualizar o uso na estrutura do período:

Nomes de produtos em pó:

- a) O café está na cuia - *Kape nôm omuy wa'e be*
- b) O leite ainda está no pacote - *Reite di nôm puk opop tom mûn pe ma*
- c) Temos sabão em pó na mesa - *Kake sabão nôm mesa be.*

Nomes de produtos em líquido:

- a) O café está quente - *Kape di omuy tida xip*
- b) O Refrigerante está gelado - *Refrigerante di omuy ticuk*
- c) O caldo de cana está frio - *Kaça di omuy ti cuk*
- d) Temos bastante vinho de açaí - *Kake Wapurum ti tiboğ.*
- e) Ainda tem leite na panela - *Ti ten ma buk reiti di kajarão 'a be.*

Nomes produtos arredondados:

- a) Tem muito Murici no chão - *Kege bi'it'a ya'ade jijã ipi dağ*
- b) A pupunha está cozida - *Wusuda 'a omuy yadada*

c) Os buritis estão maduros - Ya'op Ĝudup'a

Algumas palavras emprestadas da Língua Portuguesa continuam com a mesma característica na Língua Munduruku, e, no decorrer do tempo, podem ser alteradas, dado o dinamismo natural das línguas.

Exemplos:

- | | |
|---|---|
| (01) bola é dura
<i>bora 'a yaca</i> | (02) pão é gostoso
<i>pão 'a - yaku</i> |
| (03) bolo é doce
<i>boro 'a - yakuru</i> | (04) bolacha salgada
<i><u>boraxa</u> 'a <u>yayu</u></i> |
| (05) este refrigerante
<i>ite refrigerante di</i> | (06) pincel é grande
<i>pincel ip yopboğ</i> |
| (07) açúcar é branco
<i>irut asokara</i> | (08) café está quente,
<i>ti daxip kapedi</i> |
| (09) feijão está no fogo
<i>daxa be feijão da</i> | (10) arroz é branco,
<i>ta rut aroyda</i> |
| (11) macarrão é gostoso
<i>ibu ku makaraõ bu</i> | (12) sal acabou,
<i>kaw ta ota'ũm</i> |
| (13) meu sapato é grande
<i>yoboğ we sapato</i> | (14) camisa molhou
<i>Kamixa otirem</i> |
| (15) meu calção é verde
<i>irẽmrẽm we kaosãõ</i> | (16) calça é preta
<i>yok doti</i> |
| (17) camisa manga longa rasgou
<i>ojeba ewek Kamixa ba</i> | (18) meia suja
<i>yokok meia</i> |
| (19) meu carro é novo
<i>wekaro iisũ</i> | (20) lâmpada queimou
<i>kabia'a oyapik</i> |
| (21) célula nova
<i>iisũ serura</i> | (22) geladeira está cheia,
<i>topapũn geradera</i> |
| (23) televisão ligou
<i>ojede terevisão</i> | (24) meu relógio parou
<i>ojemağ We kaxiğ</i> |

A proposta aqui desenvolvida visou trazer reflexões acerca da temática peculiar da Língua Munduruku, na busca de entender como teria surgido o uso de palavras da Língua Portuguesa em seu interior, abordando realidades em que nossa comunidade está

inserida. Além disso, objetivou encontrar mecanismos de sistematização para uma abordagem eficiente a ser utilizada no ensino-aprendizagem de nossos jovens no ambiente escolar como política pedagógica, pois temos um agravante, como foi relatado pelas pessoas entrevistadas, falar Português se tornou uma situação de *status* entre os mais jovens.

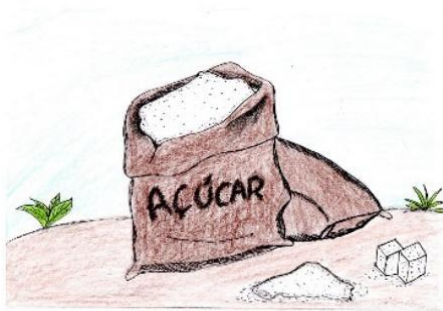
Com essa perspectiva, temos como resultado o Glossário Ilustrado. Nele, trago a possibilidade de ser um material não apenas de identificação dos empréstimos, mas também a oportunidade de se trabalhar a prática em sala de aula, tendo como exemplo as frases criadas a partir das palavras dos empréstimos e, com isso, podendo ser utilizado como uma ferramenta pedagógica efetiva para os professores(as) bilíngues em nossa comunidade.

Em pesquisas anteriores, durante o período de graduação, constatei que a Língua Munduruku estava entrando em processo de desuso na comunidade, embora as pessoas soubessem falar, não praticavam em seu convívio, insistiam no uso do Português, principalmente palavras que não pertencem ao vocabulário Munduruku. Dessa maneira, as palavras da Língua Portuguesa foram adentrando o vocabulário Munduruku, de forma sutil, mas permanente, sem que se pudesse contê-las, apesar de termos interferido com projetos e ações como as descritas no início.

Apesar de termos essa realidade não muito animadora, existe a controversa da participação das mesmas pessoas que não demonstram interesse, mas que contribuíram de forma coletiva na produção deste trabalho com resultados animadores, com a disponibilização de seu tempo em parceria com os professores da aldeia.

Lembrando que o Professor Bonifácio Kirixi e outros professores de nossa escola estão ajudando, também, em outras produções de material pedagógico com outros parceiros, e, futuramente, teremos mais alternativas para nossos alunos. Como finalização desse processo de produção, destaco, abaixo, uma parte do Glossário Ilustrado (foi elaborado separadamente da dissertação) como exemplo do trabalho que me fez refletir melhor a respeito do valor que a Língua Originária tem dentro de uma organização social como a aldeia.

Produto pedagógico – Glossário Ilustrado



Asokara
(Açúcar)

irut asokara
açúcar é branco



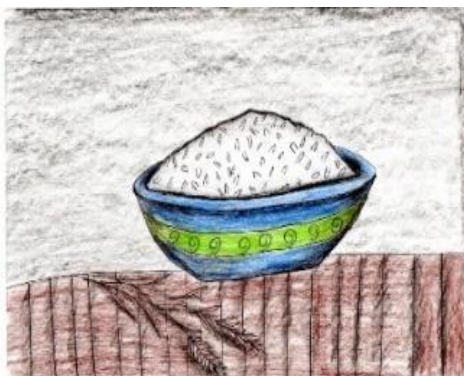
Kapedi
(Café)

Kape di omuy tida xip
O café está quente.



Fejão da
(Feijão)

Fejão da omuy ta dada
O feijão está cozido



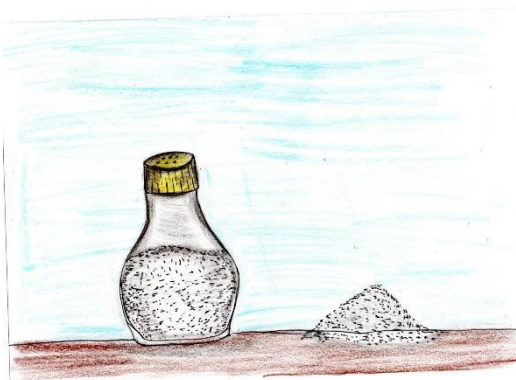
Aroy da
(Arroz)

Aroyda ta rut
O arroz é branco



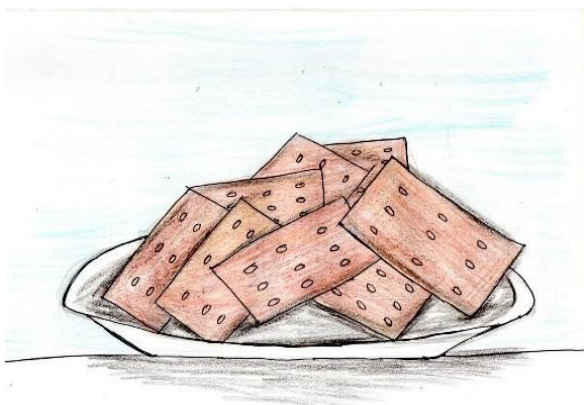
Makarão bu
(Macarrão)

ibu ku makarão bu
Macarrão é gostoso



Kawta
(Sal)

kaw ta ota'ũm
O sal acabou



Boraxa'a
(Bolacha)

Boraxa 'a yayu
bolacha salgada



Sapato
(Sapato)

Yoboğ we sapato
Meu sapato é grande



Kamixa
(Camisa)

Kamixa otirem
Camisa molhou



Kawsão
(Calção)

Irêmrêm we kaosão
Meu calção é verde



Doti
(Calça)

Yok doti
Calça é preta



Kamixa ba
(*Camisa manga comprida*)

Ojeba ewek Kamixa ba
Camisa manga longa rasgou



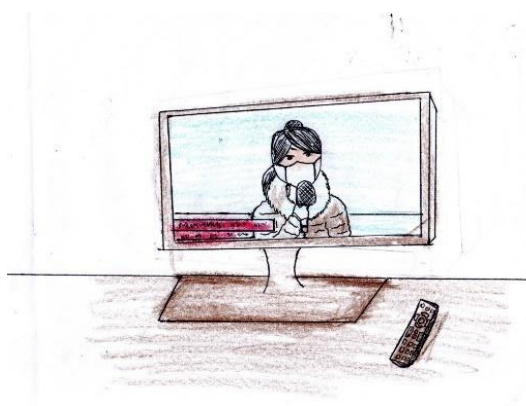
Meia
(*Meia*)

Yokok meia
Meia suja



Koeka
(*Cueca*)

Koeka yoboğ



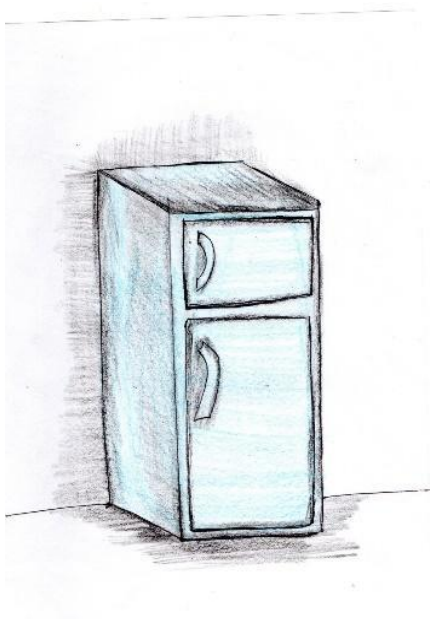
Terevisão
(Televisão)

Ojede terevisão
Televisão ligou



Rerojo
(Relógio)

Ojemağ We kaxiğ
Meu relógio parou



Geradera
(Geladeira)

Topapũn geradera
A geladeira está cheia



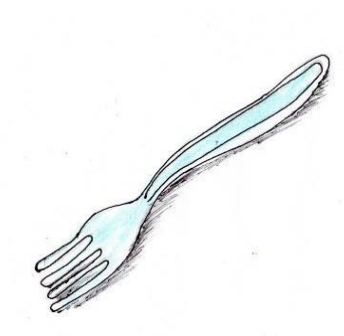
Serura
(Celular)

iisũ serura
O celular é novo



Koye
(Colher)

Ite ipoxi koye
Esta colher é pesada



Koye bu ģũn
(Garfo)

Isopsep koye bu ģũn
O gafo brilha

5 Considerações finais

Este trabalho acerca dos empréstimos da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku traz à luz uma realidade em que o povo Munduruku está inserido, desde sua busca por melhores condições de vida a uma adaptação do ambiente fora da Mundurukânia. Esse processo histórico em Mato Grosso possui diversas facetas da realidade linguística não somente do Povo Munduruku, mas também de todos os outros povos indígenas que tiveram contato com o nosso e que impactou de forma significativa em vários aspectos, tanto para o Povo Munduruku quanto para o povo que passou a compartilhar esse lugar, pela necessidade de fortalecer a ocupação do Território Apiaká/Kayabi no município.

A realidade do nosso povo, ao ocupar o território, identifica-se com a realidade de muitos povos Indígenas que também saíram de seus territórios em busca de melhoria para a família e para seu povo. Com a construção de um ambiente como a Aldeia Nova Munduruku, firma-se a certeza de que o povo Munduruku assume a responsabilidade de compartilhar seu modo de vida com demais povos circunvizinhos como os Kayabi e Apiaká.

Levando em consideração todo o processo histórico de nosso povo, também pude constatar que, desde muito tempo, nossos antepassados têm uma forma de aprender e também de ensinar, e esses ensinamentos têm contribuído secularmente em todo o processo de construção e fortalecimento de nosso povo. Todos esses conhecimentos relatados são apenas a ponta do *iceberg*, de todo um universo de conhecimento ancestral que ainda está adormecido na mente e precisa ser despertado, estimulado com a pretensão de reverter mais de quinhentos anos que vem sendo sufocado e desvalorizado. Muitos podem ter sido perdidos para sempre, conhecimentos que poderiam ter contribuído para a convivência fraterna dos povos indígenas, de forma harmoniosa, sem a mancha da escravização, repressão e todos os tipos de ferramentas de desvalorização dos conhecimentos dos povos indígenas de nosso país.

Esse processo de colonização usou e ainda usa mecanismos desenvolvidos especificamente para lidar com pessoas que têm resistido a todas as atrocidades cometidas contra nossos predecessores Munduruku, mas que, ano após ano, estiveram no campo da resiliência e luta, também procurando desenvolver nossas ferramentas de coalisão.

Mesmo que a prática da Língua Portuguesa tenha se tornado uma ferramenta poderosa para proximidade entre os povos, tradicionalmente rivais, ela precisar ser classificada como uma ferramenta que precisamos ter cuidado, utilizá-la quando lutamos

por um bem maior que é a sobrevivência do povo indígena em nome de uma política de interesses comuns. Diante disso, podemos compreender que os empréstimos de palavras da Língua Portuguesa para o Munduruku tiveram papel fundamental para a diplomacia e política de boa vizinhança entre os Munduruku e demais povos, mas contribuiu para afastar parte do povo de sua tradição linguística oral.

A produção de um Glossário Ilustrado de palavras emprestadas da Língua Portuguesa mais usadas nos diálogos entre os praticantes da Língua Munduruku me leva à conclusão de que serão necessárias muitas atividades para prática efetiva da Língua Munduruku em nossa aldeia. Diante das adversidades que a nossa realidade enfrenta desde a criação da Nova Munduruku, posso afirmar que tivemos muitas conquistas, mas precisamos avançar mais, pois, para cada conquista abrem-se novos desafios, dadas as mudanças rápidas que acontecem atualmente.

Um dos grandes desafios dos povos Indígenas brasileiros a ser enfrentado é a conjuntura política, que, de maneira extrema, tem atropelado os valores que cada povo indígena representa. Temos que estar a cada dia nos adaptando à realidade que nos é imposta pelo poder desenfreado do capital, contribuindo com as tensões que retiram a paz e o bem viver dos que habitam a terra antes da invasão colonialista.

Outro fato é termos um diálogo mais aberto e diplomático não somente com os indígenas desta terra, mas também com os não indígenas. Por estar há mais tempo em contato com a população não indígena na região da Mundurukânia, a Língua Portuguesa pode ter sido decisiva na proximidade, e continua sendo, uma vez que as iniciativas de exposição de atividades culturais indígenas partiram da aldeia Nova Munduruku com apresentações de forma lúdica e amistosa nos setores municipais e instituições de Ensino Superior.

A realidade que me deixa preocupado é o fato de que a juventude, que é o futuro da comunidade, não se interessa pela Língua Munduruku como se interessa com os meios tecnológicos. Essa situação faz toda diferença a longo prazo porque se não houver uma constante observância, a Língua Munduruku poderá deixar de existir.

No caso específico dos empréstimos, as palavras aumentam a cada ano devido as transformações na comunidade e à chegada das tecnologias em nosso convívio, que promovem alternativas de facilitação dos trabalhos e de busca de conhecimento, mas vai se configurando um problema por conta da desvalorização de atividades que fazem parte da Cultura de nosso povo.

REFERÊNCIAS

BANIWA, G. *Educação escolar indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas*. Universidade Federal do Amazonas, 36ª Reunião Nacional da ANPED: 2013.

CADERNO SECAD. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) *Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola*. Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF: 2007.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. Série Princípios, Editora Ática, S.A, São Paulo: 1989.

COMODO, C. *Concordância em Munduruku*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas, São Paulo: 1981.

Google Maps: <https://www.google.com/maps>, Acesso em 10 de abril 2022.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010, Link: <https://censo2010.ibge.gov.br/>, Acesso em 18 de abril de 2022.

KRIXI BAROMPÔ. *Plano Político Pedagógico*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, MEC, 2018.

LEOPOLD, J.S. *De Caçadores de Cabeça a Índios Urbanos, Saga dos índios Munduruku*. 1ª Ed. Editora Chiado, São Paulo: 2016.

MARTINES, G.V. *Aspectos Semânticos dos Nomes Classificados em Munduruku*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo: 2007.

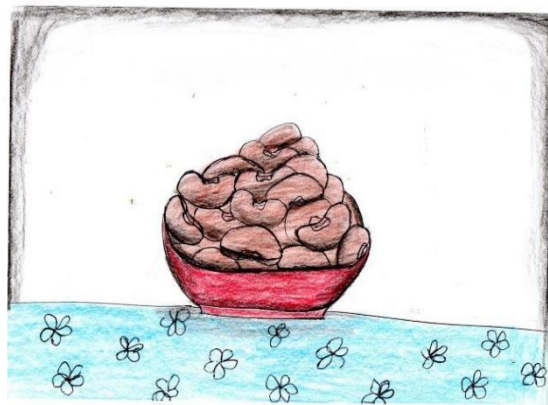
MESQUITA, R. *Empréstimos linguísticos do português em xerente akwe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2009.

MUNDURUKU.D. *Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos*. Obra literária: UK´A Editorial, 2017.

RCNEI- *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

**GLOSSÁRIO ILUSTRADO
DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA FALADA PELO POVO
MUNDURUKU DE MATO GROSSO**

Produto pedagógico gerado a partir da pesquisa realizada na aldeia Nova Munduruku-Juara – MT com a temática dos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku no período de 2020-2022.



Autor: Marcelo Manhuari Munduruku

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

M965g MUNDURUKU, Marcelo Manhuari.
Glossário Ilustrado de Empréstimos Linguísticos na Língua
Falada pelo Povo Munduruku de Mato Grosso / Marcelo
Manhuari Munduruku - Barra do Bugres, 2022.
29 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão Final - Curso de Pós-graduação
Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em
Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade
Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Luzia Aparecida Oliva

1. Empréstimos Linguísticos. 2. Língua Munduruku. 3.
Língua Portuguesa. I. Marcelo Manhuari Munduruku.
II. Glossário Ilustrado de Empréstimos Linguísticos na Língua
Falada pelo Povo Munduruku de Mato Grosso: .
CDU 811.8

Colaboradores

Coordenador do PPGECH: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva

Ilustradores: Marcelle Sau Manhuari e Rafael Mendes Sau

Alunos da Escola Estadual Indígena Krixí Barompô

Integrantes da Comunidade da Aldeia Nova Munduruku

AGRADECIMENTOS

Estendo meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, pelas informações que serviram de base para a visibilidade da realidade linguística em nossa comunidade. É um esforço coletivo da aldeia para materializar este instrumento pedagógico que se destina a nossa escola e a outras de Língua Munduruku. Espero fornecer subsídios para os processos de formação de professores, tanto em nosso Estado quanto em outros lugares que tiverem a necessidade deste material para ensino-aprendizagem.

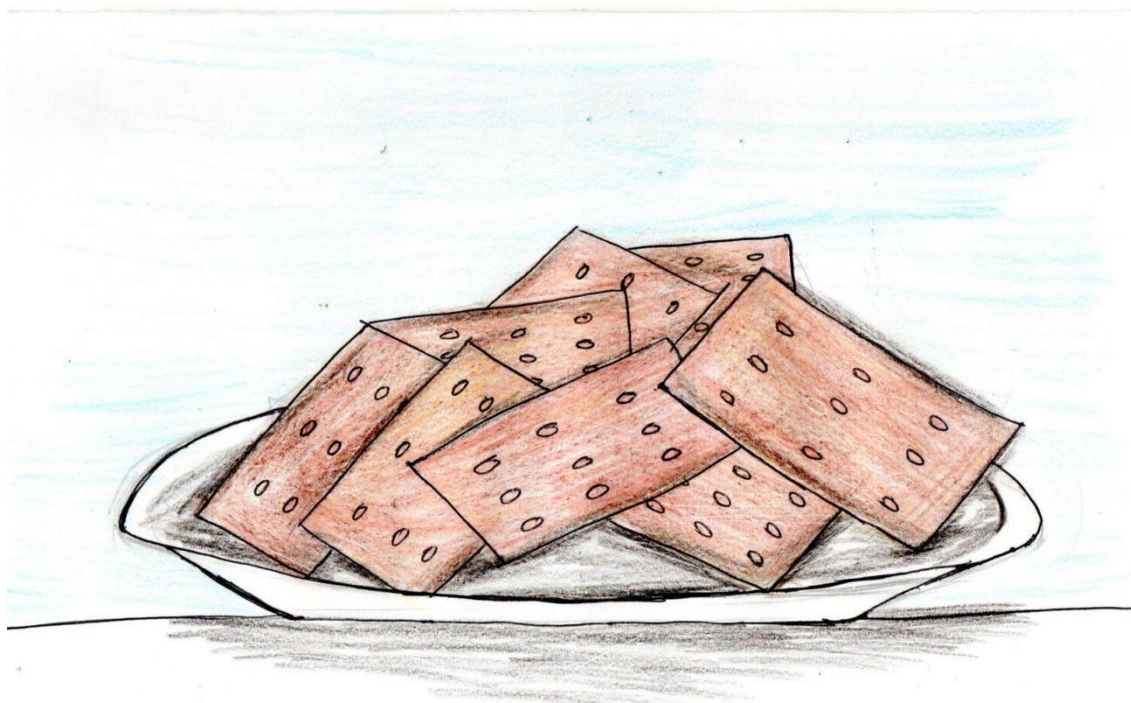
Sumário

1 Prefácio	5
2 Introdução	6
3 Empréstimos linguísticos	7
4 Estrutura gramatical da Língua Munduruku	27
5 Considerações finais	29

PREFÁCIO

A Língua Munduruku é uma extensão do tronco linguístico tupi, falada em todo território da Mundrukânia, do baixo, médio e Alto Tapajós, e agora se estende ao Mato Grosso. Este trabalho é o produto pedagógico realizado a partir de minha pesquisa de Mestrado, pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *Campus* de Barra do Bugres-MT, por meio do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Intercultural, realizado pela FAINDI- Faculdade Indígena Intercultural. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu na aldeia Nova Munduruku, no município de Juara - Mato Grosso, a respeito dos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku.

Este Glossário Ilustrado traz em seu conteúdo palavras em Munduruku emprestadas da Língua Portuguesa que poderá ser utilizado na alfabetização. O processo de pesquisa foi de forma participativa de membros da comunidade Munduruku no período de outubro de 2021 a fevereiro de 2022, na aldeia Nova Munduruku.



INTRODUÇÃO

A língua tupi tem suas estruturações diferentes da Língua Portuguesa em vários aspectos e há modificações variadas de acordo com o tempo e espaço, assim como em outras línguas. A proximidade da Língua Munduruku com a Língua Portuguesa em sua história de contato, e em tempos atuais, vem trazendo alterações e adequações, como é o caso dos empréstimos de palavras da Língua Portuguesa.

No Alfabeto Munduruku não se usam algumas letras do Alfabeto Português e isso faz toda diferença, pois a pronúncia de algumas letras do Alfabeto Português é substituída por outra do alfabeto, como por exemplo: o “l” é substituído pelo “r”. Também é perceptível a troca de sons na pronúncia de algumas palavras em que o som do “o” é substituído pelo som do “u”. Essas são algumas das variações no uso das letras do Alfabeto Munduruku em comparação ao Alfabeto Português.

ALFABETO MUNDURUKU – LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

A a	B b	C c	D d	E e	Ğ ğ	H h	I i	J j	K k	M m
/a/	/b/	/tʃ/	/d/	/e/	/ŋ/	/h/	/i/	/dʒ/	/k/	/m/
N n	Oo	Pp	R r	Ss	T t	U u	W w	X x	Y y	
/n/	/o/	/p/	/r/	/s/	/t/	/ə/	/w/	/ʃ/	/j/	

Vogais Nasais: **Ă ă** **Ě ě** **Ĭ ĭ** **Ŏ ŏ** **Ů ů**

Fonte: Zildo Karo

As vogais nasais são as mesmas das vogais orais, exceto as que recebem um til. O til também é utilizado em <ğ> para indicar que se trata de uma consoante nasal.

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

De acordo com a estrutura, a Língua Munduruku ou *Mõnjouroko* geralmente está ligada a nomes de objetos que foram introduzidos no vocabulário tradicional e está relacionada ao formato e às condições físicas desses objetos, como exemplo, uma palavra ligada ao líquido tem a terminologia “*di*”; objetos com forma física arredondada têm uma terminologia em “*a*”. Assim como a terminologia “*ip*” é utilizada para objetos e coisas de madeira, possuem terminologia “*nõm*” as palavras que denominam produtos em pó. Há palavras que foram inseridas no vocabulário que apresentam diferença na grafia e na pronúncia, como por exemplo *Koye* – colher e outras que não tiveram alteração em sua grafia.

Seguem as palavras coletadas com as pessoas envolvidas na escola e na comunidade da aldeia Nova Munduruku durante as entrevistas.



Asokara
(Açúcar)

irut asokara

açúcar é branco



Kapedi
(Café)

Kape di omuy tida xip

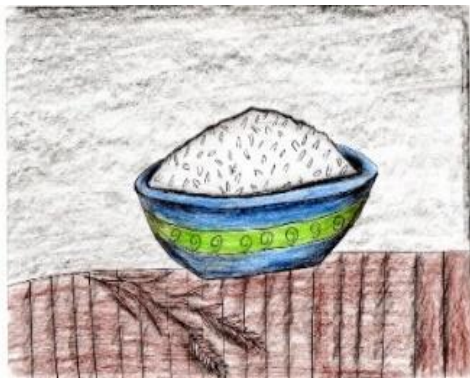
O café está quente.



Fejão da
(Feijão)

Fejão da omuy ta dada

O feijão está cozido



Aroy da
(Arroz)

Aroyda ta rut
O arroz é branco



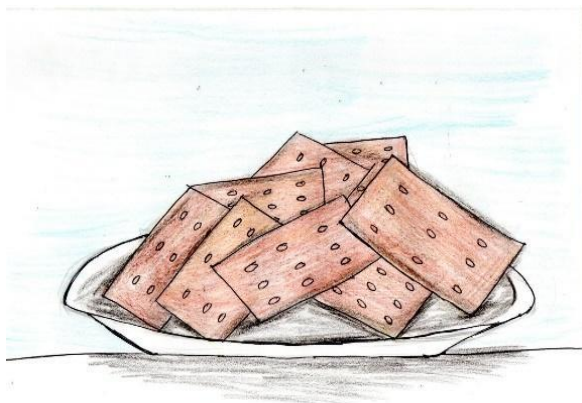
Makarão bu
(Macarrão)

ibu ku makarão bu
Macarrão é gostoso



Kawta
(Sal)

kaw ta ota'ũm
O sal acabou



Boraxa'a
(Bolacha)

Boraxa 'a yayu
bolacha salgada



Sapato
(Sapato)

Yoboğ we sapato
Meu sapato é grande



Kamixa
(Camisa)

Kamixa otirem
Camisa molhou



Kawsão
(Calção)

Irêmrêm we kaosão
Meu calção é verde



Doti
(Calça)

Yok doti
Calça é preta



Kamixa ba
(Camisa manga comprida)

Ojeba ewek Kamixa ba
Camisa manga longa rasgou



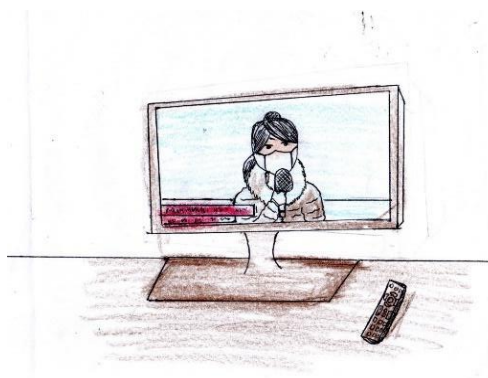
Meia
(Meia)

Yokok meia
Meia suja



Koeke
(Cueca)

Koeke yoboğ



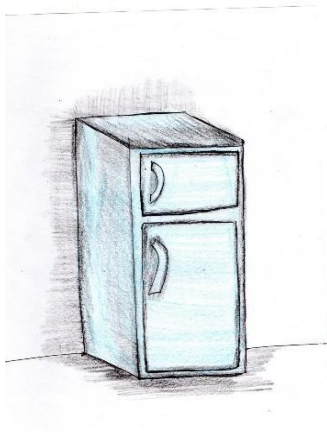
Terevisão
(Televisão)

Ojede terevisão
Televisão ligou



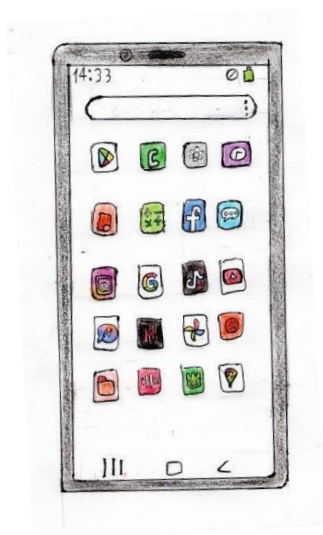
Rerojo
(Relógio)

Ojemağ We kaxiğ
Meu relógio parou



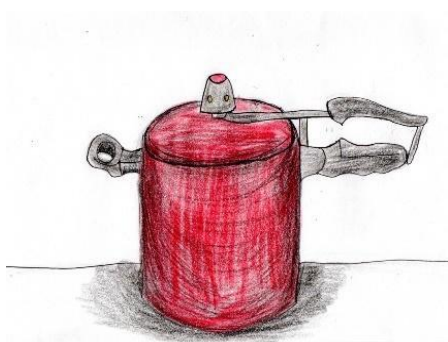
Geradera
(Geladeira)

Topapũn geradera
A geladeira está cheia



Serura
(Celular)

iisũ serura
O celular é novo

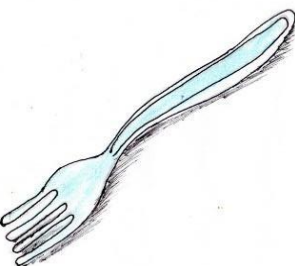


Panera de pressão'a
(Panela de pressão)



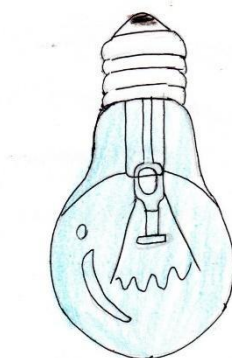
Koye
(Colher)

Ite ipoxi koye
Esta colher é pesada



Koye bu ġūn
(Garfo)

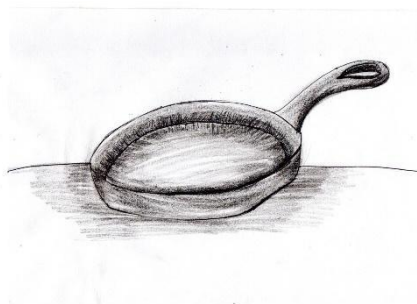
Isopsep koye bu ġūn
O gafo brilha



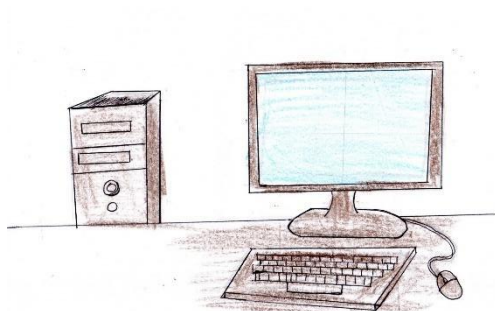
Rampada'a
(Lâmpada)

Kabia'a oyapik
A lâmpada queimou

Frigideira
(Frigideira)

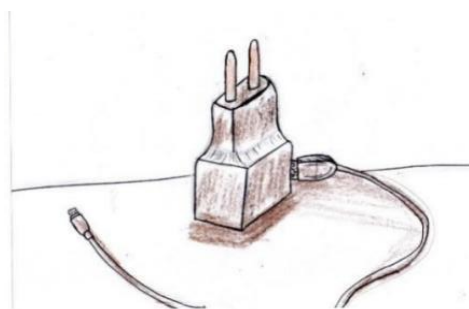


Tidaxip refrigeranci di
A frigideira está quente



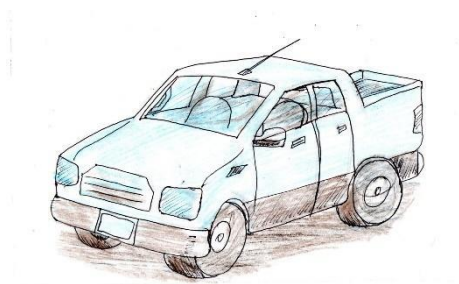
Komputado
(Computador)

Kompotado ibuwa'ũm
O computador está lento



Karregador
(Carregador)

Ite obubut karegado
Este carregador é meu



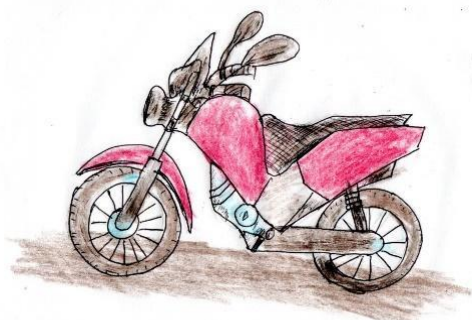
Karro
(Carro)
Karo owexe
O carro chegou



Kaminhão

(Caminhão)

Ipóra kamião
O Caminhão está cheio



Moto

(Moto)

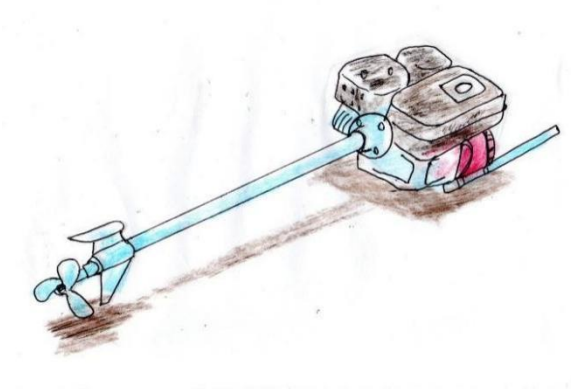
Yõpĩn ma moto
A moto é pequena



Wadera

(Voadeira)

Itok omũy wadera
A voadeira está furada



Rabeta

(Rabeta)

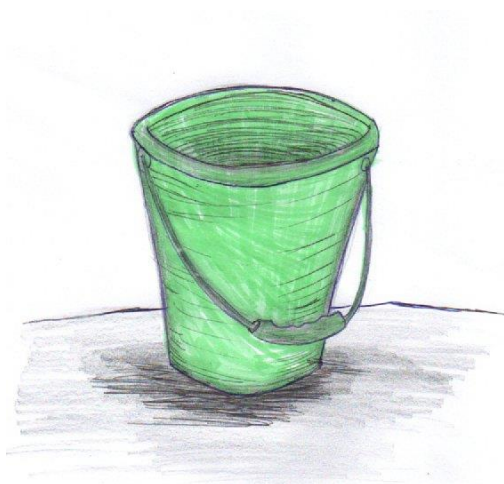
Ipoxi teku rabeta
O Rabeta é pesado



Rata'a

(Lata)

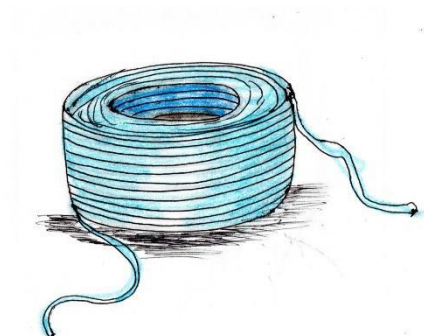
Rata'a yapisek
A lata amassou



Balde'a

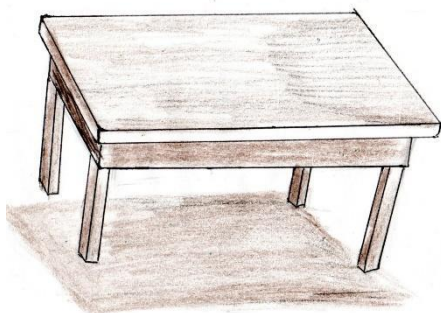
(Balde)

Baodi'a yatok
O balde furou



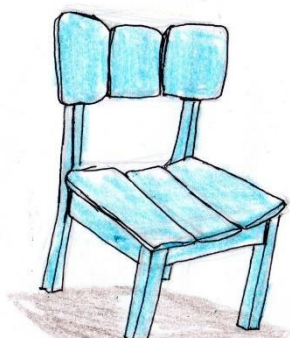
Fio bu
(Fio)

Yapĩn ma kajuk
O fio é curto



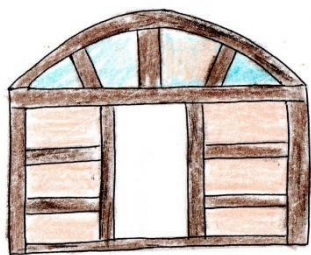
Mesa
(Mesa)

Masa yoboğ
A mesa é grande

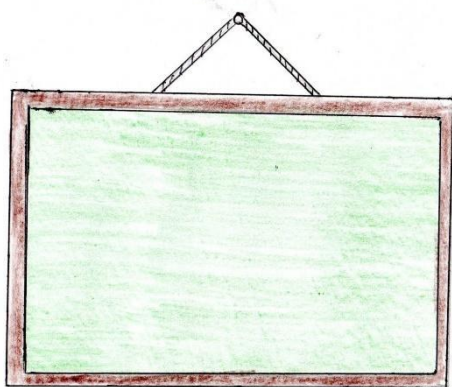


Kadera
(Cadeira)

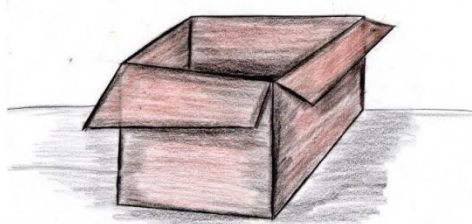
Irẽmrum kadera
A cadeira é azul



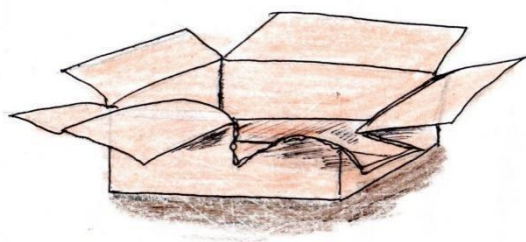
Janera
(Janela)
yoboğ janera
A janela é grande



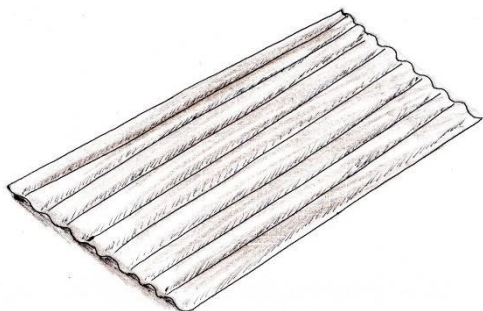
Koadro
(quadro)
Koadro yõpin ma
O quadro é pequeno



Kaxa'a
(Caixa)
Axa'a omuy ipiju
A caixa está no chão



Paperão
(papelão)
Tup hu paperão dup
O papelão é leve



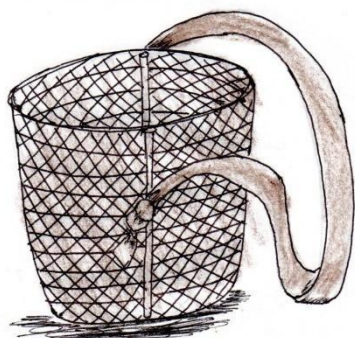
Brasiriti dup
(*Brasilit*)

Tup rut Brasiriti dup
O Brasilite é branco



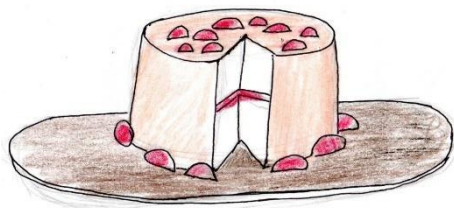
Pincel ip
(*Pincel*)

O'i'ũm pinseo
O pincel acabou



Panero'a
(*Paneiro*)

Yabibuk omuy pağero'a
O paneiro está vazio



Boro'a
(Bolo)

Oya'ũm boro'a
O Bolo acabou



Refrigerante di
(Refrigerante)

Ti cuk omuy refrigeranti di
O Refrigerante está frio



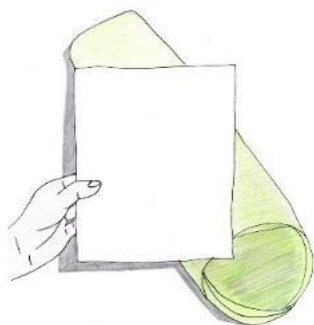
Sabonete
(Sabonete)

Burũ ma ku saboneti
O Sabonete é pouco



Xampo di
(Xampú)

Te'o jijã xampo
O xampu cheira muito



Cartorina dup
(Cartolina)

Kartorina dup otup ãm
A cartolina acabou



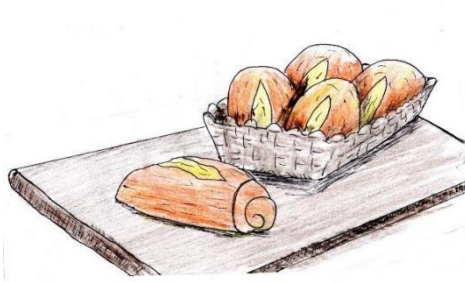
Cinta
(Tinta)

ãm omuy cinta
A tinta está acabando



Kaneko
(Caneco)

kaneko ipakpukat
O caneco  vermelho

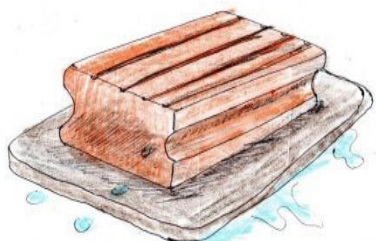


Pão'a
(Pão)

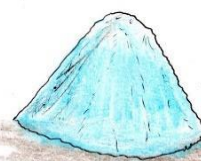
Ya'it ma pão'a
O Pão é pequeno

Atividades

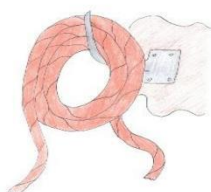
Nesta parte de deste trabalho poderemos exercitar a continuidade das frases com os nomes e figuras abaixo: (Nessa atividade se faz necessária a supervisão do professor bilíngue)



Sabão
(Sabão)



Sabão nôm
(Sabão em pó)



Korda bu
(Corda)



Kopo
(Copo)



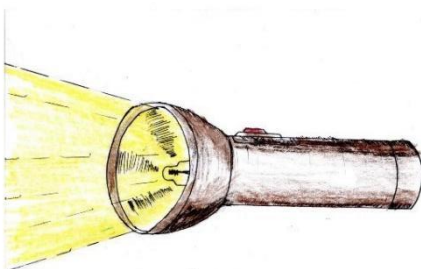
Garão'a

(Galão)



Bisikereta

(Bicicleta)



Rantena

(Lanterna)



Pia'a

(Pilha)



Bateria'a

(Trigo)



Trigo

(Bateria)



Garrafa'a
(Garrafa)



Diêro
(Dinheiro)



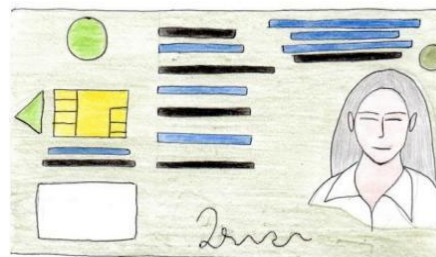
Oyo
(Óleo)



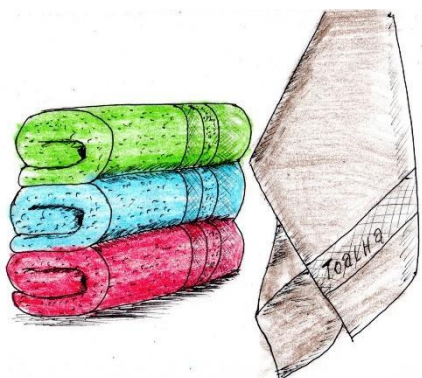
Moeda
(Moeda)



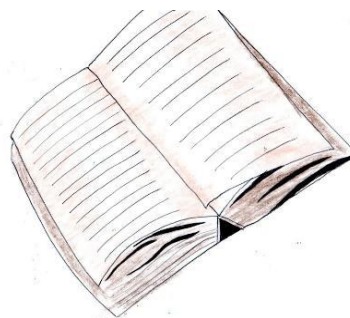
Projeto
(Projeto)



Dokomento
(Documento)



Toaya
(Toalha)



Livro dup
(Livro)

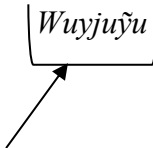
ESTRUTURA GRAMATICAL DA LÍNGUA MUNDURUKU

As palavras em Munduruku têm essas características em seus prefixos e sufixos em cada palavra, pois a estrutura garante ao comunicador o sentido do que está sendo falado em seu diálogo ou em suas narrativas. Como o povo indígena tem a tradição da oralidade, esta estrutura favorece ao receptor um bom entendimento do que se quer comunicar.

Como podemos ver em algumas frases:

Wuy Kabia suat!

 Representação de um coletivo
 Bom dia a todos!

Wuyjuŷu ajem ġasũ.

 Pessoas chegaram agora/ hoje

Como podemos verificar acima, o prefixo *Wuy* tem o sentido de representação de um coletivo.

No caso seguinte:

Oduk'a tabua ip at'a

 Minha casa é de madeira

Ekube ip mugěġě

 Sua canoa é de madeira

O núcleo da frase destaca o “*ip*”, que, em sua descrição, se relaciona com a madeira. Essa relação continua em outras palavras, como o caso da água, que é o “*di*” ou objetos relacionados a pó que temos o “*nõm*”.

A seguir uma tabela para melhor compreender:

WUYAÕ PARIWAT AÕ DAGAT / Nossa língua está na Língua Portuguesa		
Português	Munduruku	Descrição
Café	Kapenõm/ kapedi	em pó/ Líquido
Bolacha/Biscoito	Boraxa'a	Arredondado
Panela de pressão	Panera de pressão'a	Arredondado
Lâmpada	rampada'a	Arredondado
Lata	Rata'a	Arredondado
Balde	Balde'a	Arredondado
Caixa	Kaxa'a	Arredondado
Pincel	Pincel ip	De madeira
Paneiro	Panero'a	Arredondado
Bolo	Boro'a	Arredondado
Água	Idibi	Líquido

Em algumas palavras emprestadas da Língua Portuguesa, a Língua Munduruku continua tendo suas características, que podem se alterar no decorrer do tempo ou com o aparecimento de novas palavras inseridas no léxico.

Exemplos:

(01) bola é dura
bora 'a yaca

(02) pão é gostoso
pão 'a yaku

(03) bolo é doce
boro 'a yakuru

(04) bolacha salgada
boraxa 'a yayu

(05) este refrigerante
ite refrigerante di

(06) pincel é grande
pincel ip yopboğ

(07) açúcar é branco
irut asokara

(08) café está quente,
ti daxip kapedi

(09) feijão está no fogo
daxa be feijão da

(10) arroz é branco,
ta rut aroyda

(11) macarrão é gostoso
ibu ku makaraõ bu

(12) sal acabou,
kaw ta ota 'ũm

(13) meu sapato é grande
yoboğ we sapato

(14) camisa molhou
Kamixa otirem

(15) meu calção é verde
irẽmrẽm we kaosãõ

(16) calça é preta
yok doti

- | | |
|---|---|
| (17) camisa manga longa rasgou
<i>ojeba ewek Kamixa ba</i> | (18) meia suja
<i>yokok meia</i> |
| (19) meu carro é novo
<i>wekaro iisũ</i> | (20) lâmpada queimou
<i>kabia'a oyapik</i> |
| (21) célula nova
<i>iisũ serura</i> | (22) geladeira está cheia,
<i>topapũn geradera</i> |
| (23) televisão ligou
<i>ojede terevisão</i> | (24) meu relógio parou
<i>ojemağ We kaxiğ</i> |

A proposta aqui desenvolvida visa mostrar o uso de palavras da Língua Portuguesa na Língua Munduruku e suas adaptações de acordo com o contexto em que está sendo usada na Aldeia Nova Munduruku – Juara - Mato Grosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Munduruku, assim como outros povos indígenas que tiveram contato com a sociedade não indígena em sua trajetória, foi impactado de maneira significativa em vários aspectos da cultura, e, com isso, há a necessidade de fortalecer a ocupação de nosso Território tradicional com os parentes Apiaká/Kayabi neste município e fazer um esforço coletivo para resgatar a importância de nosso povo falar a Língua Materna desde a infância.

A prática da Língua Portuguesa tem sido ferramenta poderosa para conseguirmos muitas conquistas, mas é necessário ter uma política urgente de fortalecimento de nossa língua para mantermos a autoafirmação de indígenas Munduruku.

A produção de um Glossário Ilustrado de palavras emprestadas da Língua Portuguesa, mais usadas nos diálogos entre os praticantes da língua Munduruku, apresentadas neste trabalho, permitiu concluir de que é necessária muita atividade para uma prática mais efetiva da Língua Munduruku em nossa aldeia, precisamos avançar ainda mais diante dos desafios que se estendem a cada dia. Importante destacar que há outros caminhos que se abrem para trabalhos dessa natureza. Um deles é a possibilidade de analisar como o povo Munduruku recria determinados nomes a objetos oriundos da sociedade não indígena. Há muito o que se estudar dentro do campo da Língua Munduruku e suas variações a partir da inserção de vocábulos de outras línguas. Espero que as futuras gerações abracem a causa e valorizem sua língua como instrumento de sua identidade.